

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

# **O Braço Mirrado**

**Dalila Cabral Quintelas**

**Porto**

**2010**

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

# **O Braço Mirrado**

**Dalila Cabral Quintelas**

**Orientação do Professor Doutor Gualter Cunha**

**Mestrado em Estudos Anglo-Americanos: Tradução Literária Inglês-Português**

**Porto**

**2010**

## Índice:

Resumo.....	6
Abstract.....	6
Introdução .....	7
Thomas Hardy em Portugal .....	8
Traduções de Thomas Hardy Existentes em Portugal.....	8
Recepção de Thomas Hardy em Portugal.....	11
A Morte do Autor.....	11
Thomas Hardy em Jornais e Revistas Especializados em Literatura.....	17
Introduções às Obras Publicadas em Portugal.....	21
Hardy nos Meios Académicos Portugueses.....	26
Conclusão .....	35
O Braço Mirrado .....	37
Bibliografia .....	74

## **Agradecimentos:**

Gostaria de deixar aqui um agradecimento a todos os que me ajudaram a tornar possível esta tese de mestrado.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Prof. Dr. Gualter Cunha, meu Orientador, que muito me ajudou na elaboração da tese.

Não posso deixar de agradecer também a todos os docentes do curso de Mestrado de Estudos Anglo-Americanos que ao longo do 1º Ano me deram ferramentas que se mostraram muito úteis no decorrer da elaboração da tese.

Finalmente, agradeço aos meus familiares e amigos, em especial à tia Lucília e ao meu pai, que me deram todo o apoio que precisei para concluir este ciclo.

A todos muito obrigada.

## **Resumo:**

Thomas Hardy foi o autor escolhido para ser traduzido no âmbito desta tese. Dentro da sua extensa obra escolhemos o conto “The Withered Arm”, para o qual sugerimos o título “O Braço Mirrado” como sendo a melhor tradução do original.

Na sequência da tradução foi feito um trabalho de investigação que procura mostrar qual a imagem do autor em Portugal. Dado que grande parte da sua obra romanesca está traduzida para português, procuramos encontrar na imprensa portuguesa ecos do autor e da sua obra e definir qual a recepção de Thomas Hardy em Portugal.

Aquilo que conseguimos encontrar demonstra que o autor não foi esquecido, porém também não teve o destaque que outros autores britânicos lograram ter.

## **Abstract**

Thomas Hardy was the selected author to be the starting point this thesis. Among all Hardy’s work we chose the short-story “The Withered Arm” to be translated into Portuguese.

As a complement to the translation we carried on a research work on the image that the author has in Portugal. Based on the fact that the majority of his novels were translated into Portuguese, we tried to find articles in the Portuguese press that can better illustrate his reception in Portugal.

We conclude that Hardy has not been forgotten, but he doesn’t have the attention that other British authors had.

## **Introdução**

Neste trabalho propomo-nos apresentar a tradução do conto “The Withered Arm” de Thomas Hardy. Também é aqui apresentado o resultado de uma investigação que procurou saber qual a recepção em Portugal do poeta e romancista inglês.

A investigação foi feita através da procura de notícias sobre o autor e a sua obra em jornais diários, em revistas, em jornais especializados em literatura e nas publicações das diferentes Faculdades de Letras do país.

Os critérios utilizados foram os de encontrar jornais e revistas que poderiam conter notícias sobre Thomas Hardy e as suas obras. Também foram estabelecidas datas em que essas referências eram mais prováveis como a data do seu falecimento, a comemoração do centenário do seu nascimento ou a publicação de traduções das suas obras.

Para melhor ilustrar a recepção de Thomas Hardy em Portugal também tivemos atenção aos textos que acompanham as traduções e que têm como objectivo apresentar o autor e a sua obra.

Queríamos saber que relevância foi dada ao autor pela imprensa portuguesa e os ecos que tiveram as suas obras, à época da sua publicação em Portugal, uma vez que grande parte da sua obra romanesca está traduzida para português, (entenda-se português de Portugal), e a partir dos dados recolhidos tentar definir que imagem o autor inglês tinha junto do publico português.

# Thomas Hardy em Portugal

## Traduções de Thomas Hardy existentes em Portugal.

Thomas Hardy é reconhecido como um dos grandes romancistas ingleses do final do século XIX e início do século XX. Um autor que é hoje um dos grandes nomes da literatura universal.

Em Portugal os primeiros registos de publicação de traduções da sua obra que encontramos remontam aos anos 40 do século passado. Até hoje, foram publicados em Portugal os seus principais romances, dois contos e alguns poemas.

A primeira tradução de Thomas Hardy que encontramos e que consta da base de dados da Biblioteca Nacional é a tradução de *Return of the Native*, em tradução, *O Regresso*, por Virgínia Motta, da Editorial O Século (Lisboa) em 1943. Só cerca de uma década depois é publicada uma nova tradução do romancista inglês. Em 1952 a Editorial Minerva (Lisboa) publica *The Well Beloved*, em português, *A Bem Amada*, tradução de Ana Franco.

Nos anos 60, João Cabral do Nascimento traduz *Jude the Obscure*, em parceria com Maria Franco e cujo título em português é *Judas o Obscuro*. Ambos traduzem também *Far From the Madding Crowd* (*Longe da Multidão*). Estas obras são publicadas em 1965 e 1968, respectivamente, pela Portugália Editora (Lisboa). *Longe da Multidão* teve uma segunda edição que data de 1970. O facto de existir uma segunda edição leva-nos a crer que esta obra foi do agrado do público leitor e que teve vendas que a justificaram.

As traduções de Thomas Hardy feitas por João Cabral do Nascimento foram mais tarde reeditadas pelo Circulo de Leitores, em Lisboa. *Judas o Obscuro* (*Jude the*

*Obscure*) em 1971 da qual existe uma nova edição em 1988 e *Longe da Multidão* (*Far From the Madding Crowd*), em 1992. É de notar que a reedição de *Judas o Obscuro* pelo Circulo de Leitores seja feita no ano de fundação deste clube de leitura. Acreditamos que a inclusão da obra de Thomas Hardy no seu primeiro lote de publicações se deve ao facto de esta estar entre as que eram consideradas como as mais importantes da literatura internacional.

O Circulo de Leitores é quem mais publica obras de Thomas Hardy em Portugal. Para além das já referidas, publicou também a tradução de Maria Emília Ferros Moura, de *Tess of D' Urbervilles*, em português *Tess dos D'Urbervilles*, em 1984, da qual existe uma segunda edição no ano seguinte.

Em 1995 encontrámos a tradução de Ana Maria Chaves de *The Mayor of Casterbridge*, título traduzido por *O Mayor de Casterbridge*, publicada na colecção Grandes Clássicos da Literatura Universal das Publicações D. Quixote (Lisboa). Em 1998 é publicada na mesma colecção a tradução de *A Pair of Blue Eyes*, sob o título *Um Par de Olhos Azuis* da mesma tradutora.

A única obra de Thomas Hardy traduzida para português da qual existe mais que uma tradução é *Far From the Madding Crowd*. Trinta anos depois da tradução de João Cabral do Nascimento, as publicações Europa-América (Lisboa) publicam, em 1999, uma nova tradução da obra feita por Maria Clarisse Tavares, intitulada *Longe da Multidão*.

Mais recentemente são os contos de Thomas Hardy que estão a ser alvo de tradução. Existem dois contos do autor publicados até agora. O primeiro, “The Three Strangers”, em português, “Os Três Estranhos” que foi publicado em 2001 e integra uma obra denominada *Uma Viagem aos Contos Clássicos Ingleses* pela Padrões

Culturais Editora (Lisboa), da qual também fazem parte um conto de Oscar Wilde e outro de D. H. Lawrence. Não é conhecida a autoria da tradução.

O segundo conto do autor traduzido para português é o conto *The Distracted Preacher* título traduzido por *O Pregador Atormentado* que foi traduzido por Vasco Gato e editado pelas Edições Quasi (V. N. de Famalicão) em 2008.

Apesar da prosa hardiana ser o que mais se traduziu em Portugal, não podemos deixar de referir a tradução dos poemas: “The Self-unseeing”, “The Selfsame Song”, “In Tenebris” e “I Need Not Go”. Os dois primeiros com o título em português *O Outro* e *A Mesma Canção*, respectivamente e os dois últimos mantêm o título original. Tradução de Jorge de Sena. Estes poemas integram uma colectânea que tem como título *Poesia do Século XX: de Thomas Hardy a C.V. Cattaneo* e que foi também foi organizada por Jorge de Sena. A primeira edição desta colectânea data de 1978 e foi publicada pela editora Inova, no Porto. Existe também uma segunda edição publicada pela editora Fora de Texto em Lisboa, em 1994.

## Recepção de Thomas Hardy em Portugal

### A morte do autor

A primeira data que seleccionámos para a procura na imprensa de notícias relacionadas com Thomas Hardy, foi a data da sua morte. Queríamos perceber até que ponto a morte do autor britânico tinha sido notícia em Portugal, mesmo tendo verificado que à data da sua morte não havia qualquer registo de publicações de traduções de Thomas Hardy em Portugal. Ao consultarmos os principais jornais diários existentes nessa altura chegámos à conclusão que a morte de Thomas Hardy foi amplamente noticiada.

O jornal *Diário de Notícias* dá-nos conta da morte do autor na sua edição de 12 de Janeiro de 1928, logo no dia seguinte a ter sucedido. Na pequena notícia de última hora os leitores deste jornal são informados de que “Faleceu Thomas Hardy célebre romancista inglês”. A esta notícia segue-se uma nota da redacção com uma pequena biografia do autor onde são salientadas as suas “melhores obras”.

A notícia é seguida por este jornal durante mais três dias. E se nos dias 13 e 15 de Janeiro a notícia é dada na página dedicada às notícias internacionais (“Pelo Estrangeiro”), na edição do dia 14 é dado à notícia o destaque da primeira página. O destaque dado à notícia no dia 14 deve-se ao facto de ser o primeiro dia em que existe uma notícia alargada sobre a morte do autor e as decisões que os seus familiares e amigos tomaram em relação ao seu funeral.

O *Jornal de Notícias* também noticia a morte de Thomas Hardy. A notícia merece a atenção deste jornal durante três dias. A primeira vez que a notícia surge é no dia 13 de Janeiro de 1928 e no título pode ler-se “Morreu com 87 anos o romancista

inglês Thomas Hardy”. As notícias dos dias seguintes focam sobretudo as decisões tomadas na organização das cerimónias fúnebres e no aval da viúva para que “os restos cremados de Thomas Hardy” fossem “tumulados na abadia de Westminster na próxima segunda-feira, à tarde”. A notícia também relata a satisfação geral manifestada após o “consentimento da viúva, que assim permite que ao grande escritor sejam prestadas as últimas homenagens nacionais.”

“Faleceu o escritor Thomas Hardy”, pode ler-se na coluna dedicada às notícias vindas do exterior, na edição de 12 de Janeiro de 1928 do jornal *Comércio do Porto*. Nas notícias que encontramos neste jornal para além da abordagem que as notícias que consultámos até aqui, fazem sobretudo um relato das decisões tomadas em volta do funeral do autor. Uma vez que havia uma discordância entre a vontade manifestada por Thomas Hardy, que queria ser sepultado na sua terra natal, e a vontade nacional que gostaria que ao autor fossem prestadas honras nacionais e gostaria também que o seu corpo fosse depositado em Westminster junto de outros ilustres ingleses. O jornal *Comércio do Porto* relata também pequenas curiosidades. Ficámos, por exemplo, a saber que “Na sua casa, de Dorchester, tem sido recebido grande número de telegramas de pêsames. Um dos primeiros foi o do rei dirigido a Mrs. Hardy.”

A esta primeira notícia sobre a morte de Thomas Hardy, segue-se, tal como acontece no *Diário de Notícias*, uma pequena biografia onde são destacadas as obras que fizeram com que fosse reconhecido como um dos grandes autores da literatura inglesa:

“Os seus primeiros três romances *Os Remédios do Desespero*, *Debaixo da Árvore de Greenwood* e *Um Par de Olhos Azuis*, lograram atrair a atenção do público. Mais tarde, os livros *Longe da Turba Insensata* e *Judas o Obscuro*, sua obra-prima, popularizaram-no definitivamente.

Hardy era um excelente narrador dos caracteres e costumes dos povos da região ocidental de Inglaterra. Alguns dos seus romances foram mais tarde adaptados ao teatro, sendo bem recebidos pelo público.”

O *Comércio do Porto* é o jornal, que para além dos relatos encontrados até aqui noutros jornais, contém outro tipo de informações, como por exemplo, as manifestações de pesar vindas de outros países. Na edição do dia 13 de Janeiro de 1928, podemos ler no final da notícia que “a Academia Francesa endereçou à nação britânica as suas condolências, pela morte de Hardy”.

Este jornal acompanha as notícias em volta da morte do autor durante quatro dias e é o primeiro a trazer ao leitor português os relatos das cerimónias fúnebres prestadas a Thomas Hardy. Na primeira página do *Comércio do Porto* de 17 de Janeiro de 1928, a notícia dedicada a Hardy diz o seguinte: “Nos transeptos norte e sul viam-se muitas distintas personalidades, figuras de destaque na literatura e na arte. Na nave encontravam-se mais de mil pessoas.

O rei, o príncipe de Gales e o duque de York, fizeram-se representar.

Entre as personalidades que pegaram à urna, contavam-se Baldwin, Ramsy Mac Donald, Sir. James Barrie, Sir. Edmund Gosse, Galsworthy, etc.

Ao mesmo tempo que se realizava, com grande imponência esta solenidade na Abadia de Westminster, na igreja de Stinsford, no condado de Wessex, era sepultado o coração do grande escritor, com assistência de grande número de conterrâneos seus. (Rádio – Comércio)”

O jornal *O Século*, segue a linha dos jornais consultados até aqui, sendo que as notícias são muito semelhantes às notícias que encontramos noutros jornais.

No dia 12 de Janeiro dia em que aparece na rubrica Últimas Notícias a pequena nota: “Thomas Hardy – Faleceu o poeta e novelista Thomas Hardy”, continua com uma Nota da Redacção muito semelhante à que encontramos no *Comércio do Porto*.

As notícias sobre a morte de Thomas Hardy surgem neste jornal durante vários dias. Faz uma cobertura mais alargada da notícia, focando aspectos distintos quando comparado com os outros jornais. Tal como acontece em outros jornais, *O Século* também dá à notícia o destaque da primeira página, neste caso acrescida da fotografia da casa onde Hardy morreu.

“A morte de Thomas Hardy” é o título da notícia de primeira página do dia 17 de Janeiro. A notícia prossegue com os pormenores de quem foi ao funeral de Thomas Hardy. Pela notícia podemos ver como é uma figura importante para a Inglaterra e que todas as personalidades importantes se fizeram representar ou estiveram no funeral:

“A presença do Primeiro-Ministro e do senhor Ramsay Macdonal “leader” da oposição, que farão parte do mesmo turno, demonstra a extensão da homenagem nacional prestada ao grande escritor.

A tumulização do coração de Thomas Hardy na igreja de Stinsford será acompanhada por uma simples cerimónia religiosa, ao mesmo tempo que se efectuará a homenagem nacional na Abadia.”

Este jornal faz também um contraponto entre o que se passou na abadia de Westminster, onde estiveram presentes as principais figuras do país e a cerimónia simples realizada em Stinsford onde estiveram presentes familiares e alguns conterrâneos seus.

*O Século* é o único jornal que segue a notícia depois do dia do funeral do autor, dando conta das intenções do Lord-Mayor de Dorchester em perpetuar a memória do escritor como podemos ver na notícia do dia 19 de Janeiro de 1928:

## “A perpetuação da memória de Thomas Hardy

Londres 18 – O Lord- maior de Dorchester está organizando uma comissão para perpetuar a memória de Thomas Hardy.

No respectivo plano inclui-se a compra da casa onde nasceu o grande escritor. – Lusitânia.”

Por fim, o último jornal consultado foi o *Diário Popular*. Também contém na sua edição do dia 15 de Janeiro de 1928 a notícia da morte de Thomas Hardy, mas este é o jornal que menos destaque dá ao acontecimento:

“*Da Inglaterra*

**Londres 14** – Conjugando os desejos manifestados em vida por Thomas Hardy e pelos seu conterrâneos, com os da nação inteira foi, deliberado que o coração do notável escritor seja recolhido na igreja de Stinsford.

A grande víscera foi ontem retirada do cadáver por um cirurgião. Os restos do escritor serão cremados e inumados na Abadia de Westminster. – (L.)”

Esta é a única notícia sobre o assunto que este jornal publicou e parece-nos que é uma notícia que tinha tido algo precedente. Porém numa procura exaustiva nas edições anteriores do jornal não foram encontradas quaisquer referências à morte de Thomas Hardy.

Para este capítulo, era nossa intenção consultar as edições de Janeiro de 1928 do jornal *Primeiro de Janeiro*, contudo a sua consulta na Biblioteca Pública Municipal do Porto está indisponível devido ao seu mau estado de conservação.

Após analisarmos um número alargado dos principais jornais existentes à data da morte do escritor inglês, podemos concluir que a notícia foi amplamente divulgada em Portugal. Todos os jornais deram destaque à notícia que pela sua maioria é seguida durante vários dias e alguns jornais dão-lhe mesmo o destaque da primeira página.

Apesar de não termos encontrado nenhum registo de publicação de traduções de Thomas Hardy anteriores à sua morte, acreditamos que era um escritor conhecido em Portugal, caso contrário, a notícia não teria tido tanto destaque.

O facto dos títulos das obras de Thomas Hardy sugeridos pelas redacções dos jornais não coincidirem reforça ainda mais a ideia de que não existiriam naquela altura traduções de Thomas Hardy em Portugal. Por exemplo, na nota da redacção que encontramos na edição de 12 de Janeiro do *Diário de Notícias*, os títulos das “suas melhores obras” são traduzidos como *Remédios do Desespero*, *Sob as Árvores de Greenwood*, e *Olhos Azuis*. Já na biografia apresentada no *Comércio do Porto* podemos ver a tradução dos mesmos títulos como *Os Remédios do Desespero*, *Debaixo da Árvore de Greenwood* e *Um Par de Olhos Azuis*. Mesmo na nota da redacção publicada no dia 12 de Janeiro pelo jornal *O Século*, que é idêntica à que encontramos no mesmo dia no *Comércio do Porto* também há uma pequena diferença na tradução do título da obra *Under de Greenwood Tree*, traduzido como *Debaixo das árvores de Greenwood*.

A disparidade de tradução dos títulos das obras de Thomas Hardy faz-nos acreditar que não estava publicada à época nenhuma destas obras de Thomas Hardy pois se existissem traduções publicadas seria natural que as redacções utilizassem os títulos publicados para as suas biografias do autor.

As notícias que encontrámos nos diferentes jornais fazem um seguimento atento dos acontecimentos em volta da morte de Thomas Hardy. As notícias que a agência noticiosa Lusitânia fez chegar a Portugal são extensivas e detalhadas. Os leitores dos jornais da época tiveram toda a informação sobre a morte do autor e embora tendo em conta que os meios existentes ao dispor da imprensa em 1928 eram escassos, mesmo assim a notícia chegou a Portugal logo no dia seguinte e diariamente os leitores portugueses foram informados do que se passava.

## **A presença de Thomas Hardy em jornais e revistas diários e especializados em literatura**

Tendo em conta as datas de publicação das traduções de Thomas Hardy existentes em Portugal, procurámos saber que jornais e revistas seriam mais relevantes para a nossa investigação. Depois de investigarmos que jornais poderiam conter artigos relacionados com Thomas Hardy ou com a publicação da sua obra em Portugal, os que se revelaram mais significativos foram, por serem aqueles que continham notícias sobre Thomas Hardy: o jornal *Público*, o *Jornal de Letras Artes e Ideias*, e a revista *Ler – Livros e Leitores*.

Em nenhum deles se encontrou uma recensão crítica ou algum artigo alargado sobre o autor. Mesmo assim, existem pequenos artigos que dão conta da publicação das traduções de Thomas Hardy no mercado português.

Apesar de termos procurado artigos em jornais e revistas especializados em literatura em datas próximas às publicações anteriores a 1995, não encontramos qualquer artigo referente à publicação das mesmas ou do autor.

Apenas em 1995 o jornal *Público* na sua edição de Sábado, 27 de Maio, num suplemento denominado *Leituras*, na rubrica Livros – Saídas, na lista de Ficção, regista a publicação de *O Mayor de Casterbridge*:

“No prefácio de 1912, escrevia Thomas Hardy: «A história é acima de tudo, e talvez mais do que qualquer outra, na minha exposição da vida quotidiana em Wessex, um estudo sobre os actos e o carácter de um homem.» A ascensão e queda desse homem, dilacerado entre «a sujeição ao atavismo das tradições e consciência crítica das convenções tradicionais.»”

É com estas palavras que o jornal divulga e tenta chamar a atenção do público para a obra *O Mayor de Casterbridge: a história de um homem de carácter*.

*O Jornal de Letras, Artes e Ideias* é aquele que nas suas edições mais informa os seus leitores das publicações, das traduções de Thomas Hardy, o que é justificável por este ser um jornal dedicado exclusivamente à literatura e às artes.

A primeira vez que encontramos um artigo relacionado com as traduções de Hardy é na edição de 1995 na rubrica Os Livros da Quinzena onde encontramos entre a lista de livros que foram publicados nessa quinzena a menção: Thomas Hardy, *O Mayor de Casterbridge* (D. Quixote).

Na edição de 29 de Julho de 1998, mais uma vez na secção Os livros da Próxima Quinzena encontramos a nota de publicação de *Um Par de Olhos Azuis*. E na edição seguinte do jornal que data de 26 de Agosto é publicada uma pequena crítica sobre a obra: **“A Cor dos Olhos:**

Um dos primeiros romances (1873) do escritor inglês Thomas Hardy. Uma história de amor inspirada na sua primeira mulher, Emma Gifford, que possuía um fascinante par de olhos azuis – “um azul feito de brumas e sombras, sem começo ou superfície, que olhava mais fundo que a face” – e que provocava a paixão de vários homens. Um livro longo e cheio de momentos de beleza.”

Novamente, aquando da publicação de *Longe da Multidão* em Outubro de 1999, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* volta a incluir nas suas páginas uma curta crítica sobre a nova tradução de Thomas Hardy que nessa altura foi publicada e onde podemos ler:

**“Longe da Multidão, Thomas Hardy**

*Longe da Multidão* é o primeiro romance de Thomas Hardy. Escrito no final do século XIX, trata-se de um drama rural que tem como cenário Wessex vitoriano, centra-se na personagem de Batsheba Everdene – uma mulher que se dedica à agricultura e que

se acaba por envolver com um sargento boémio. Trágico mas divertido, este é o mais famoso romance do escritor inglês.”

Na revista *Ler, Livros e Leitores* existe tal como no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* uma secção dedicada aos livros que seriam publicados nos três meses seguintes. Em três números da revista encontramos notas da publicação de obras de Thomas Hardy. Nos números 30 e 31 da revista encontramos o registo da publicação de *O Mayor de Casterbridge*. E no número 43 da revista que foi para as bancas no Verão/Outono de 1998 também na rubrica Livros do Trimestre encontramos a nota de publicação da obra *Um Par de Olhos Azuis*, desta vez acompanhado por um pequeno excerto da obra: “**Thomas Hardy, Um Par de Olhos Azuis**

Tradução do Inglês de Ana Maria Chaves, Dom Quixote

**Ficção** - «O cemitério tinha acesso por este lado por uma trave de pedra que, depois de ultrapassada, nos mantinha na mesma paisagem de fragas bravias, não sendo a diferença entre o lado de dentro e o lado de fora suficiente para apagar a sensação de liberdade. Um lugar encantador para se ser enterrado, pois nada deve impedir que o encanto acompanhe um homem à sepultura. Não havia nada de horrível neste cemitério, como, por exemplo, aqueles montículos de terra delimitados por ripas de madeira que mais parecem, gritar prisão aos ouvidos do passante, do que murmurar descanso.»”

Com este excerto a revista promove a obra de Thomas Hardy. Esta é uma parte do romance que não é reveladora, mas que dá ao leitor alguns dos seu principais ingredientes, as paisagens do condado de Wessex e a morte.

Como podemos verificar a atenção que a imprensa dá às publicações das obras de Thomas Hardy em Portugal é reduzida. Mesmo as revistas e jornais especializados em literatura apenas têm noticiado as publicações mais recentes e mesmo essas notícias limitam-se aos dados bibliográficos que são colocados em listas onde se encontram

todos os livros que na mesma altura foram publicados. É verdade que a publicação de *Um Par de Olhos Azuis* teve maior destaque, porém são apenas pequenas notícias.

Algo diferente aconteceu com a publicação da mais recente obra de Thomas Hardy traduzida para português, o conto *O Pregador Atormentado* publicado pelas Edições Quasi em Agosto de 2008. Nessa altura a editora uniu-se ao Diário de Notícias para oferecer aos leitores do jornal uma colecção de livros “para ler na praia”. Entre o final do mês de Julho e o início de Setembro foram oferecidos pelo jornal 30 livros com *short-stories* de autores cuja obra é considerada como parte dos grandes clássicos da literatura universal. Entre os autores escolhidos estão Joseph Conrad, Henry James, Charles Dickens e Thomas Hardy.

O conto de Thomas Hardy foi oferecido com a edição do jornal do dia 6 de Agosto e na página de promoção desta iniciativa podia ler-se a propósito do conto *O Pregador Atormentado*: “[...] Hoje, receba com o *DN O Pregador Atormentado*, de Thomas Hardy, poeta e ficcionista inglês nascido no século XIX. Conhecido pelos seus romances decorridos num condado imaginário do Sudoeste de Inglaterra, escreveu uma obra marcada pelo pessimismo e pelo sentido da tragédia da vida humana. *O Pregador Atormentado* é um dos seus primeiros contos. [...]”

Estas iniciativas de jornais e revistas em distribuir gratuitamente ou a preço simbólico colecções de livros, é uma forma de chegar a um público mais alargado e que talvez de outra forma não tivesse contacto com estas obras. Esta pode ser também uma forma de despertar o interesse pelo autor, pois se gostamos de um livro temos tendência a querer conhecer mais da sua obra.

## **Introduções às Traduções de Hardy Publicadas em Portugal**

Grande parte das obras de Thomas Hardy traduzidas para português, contêm paratextos com a biografia e pequenas críticas à obra. Outras apenas contêm os prefácios presentes no original. Este é o caso da primeira tradução do autor publicada em Portugal, *A Bem Amada* (1952) que se inicia com o prefácio escrito por Thomas Hardy para a promoção da obra por ele escrita.

*Judas o Obscuro*, publicado pelas Edições Portugália em 1971 é a que mais textos introdutórios à obra contém. Na badana do livro encontramos a imagem do autor à qual se segue uma crítica à obra. O editor faz neste texto uma comparação da obra de Thomas Hardy com grandes referências da literatura como os Clássicos e Shakespeare. Segundo ele “Judas o Obscuro atinge de facto a densidade poética e aquele sopro do sublime da poesia só realizado nas grandes criações.”

Acrescenta também que a obra é uma “história de amor das mais belas de toda a literatura, ela desenvolve até às derradeiras consequências a impossibilidade do amor numa sociedade onde o preconceito predomina. [...] As contradições do amor, entre o sentimento e hábito, entre afecto e conveniência, são, assim, insolúveis e um só caminho se lhes oferece: o clímax de profunda tragédia em que homem e mulher parecem ser perseguidos por um espírito maligno, destruidor de toda a felicidade e de toda a esperança.”

O editor acrescenta ainda que “ a apresentação, em Portugal de Thomas Hardy e a publicação de Judas o Obscuro, um dos monumentos máximos do realismo burguês e porventura a última grande obra que este produziu – são acontecimentos literários que merecem muito particular realce. Os leitores portugueses vão ter ensejo de apreciar,

notavelmente traduzido pelo poeta Cabral do Nascimento, um romance imorredouro que deixa, em que o lê, uma impressão que jamais se apagará”.

Na mesma edição encontramos também um texto que apresenta Thomas Hardy e o seu legado.

Salienta-se ainda o facto de esta obra, tal como outras de Thomas Hardy, ser uma Com estas palavras o editor resume e promove a obra de Thomas Hardy. “concepção do mundo tragicamente pessimista” onde o leitor é levado a sentir “uma tremenda oposição a que, nas sociedades religiosas, existe entre o que Hardy denomina, o casamento da natureza, ou seja o livre casamento entre seres que se amam, e o casamento do céu, ou seja o compromisso pelo qual um ente supremo pode vincular duas pessoas que não se amam. Poucas páginas conheço tão lancinantes.”

*Longe da Multidão*, publicada em 1965 pela mesma editora tem também um texto que introduz o autor e a sua obra que é, por vezes, semelhante ao que encontramos em *Judas o Obscuro*, mas que vai focar outros factos mais relacionados com a vida do autor e que não são mencionados no texto da obra anterior. Por exemplo, o facto de Thomas Hardy ter tido uma “juventude marcada por uma certa instabilidade emocional, exacerbada por carências financeiras que o impediram de prosseguir os seus estudos superiores” e que foi auxiliar de um arquitecto famoso em Londres o que lhe permitiu frequentar espaços e conhecer pessoas que permitiram que ele deixasse a arquitectura e se dedicasse em exclusivo à literatura que era aquilo que verdadeiramente gostava.

Neste texto são lembradas as palavras de Adolfo Casais Monteiro que sobre Thomas Hardy disse: “Hardy não é um pintor desinteressado daquilo que se apresenta diante dos seus olhos; ele é violentamente parcial, não por uma concepção contra outra, por uma filosofia contra outra, pelo bem contra o mal, nem contra o mal pelo bem; Hardy é fundamentalmente parcial pelo homem contra o Fado, o destino, os deuses ou

como se lhes queira chamar, isto é: um poder em cujas mãos os homens são arrastados para a desgraça e a destruição, e, parece, tanto mais quanto mais eles se destacam da mediocridade” É assim que Adolfo Casais Monteiro descreve a dimensão trágica e a incapacidade de domínio do próprio destino das personagens, presentes nas obras de Thomas Hardy.

Sobre o romance, o editor chama a atenção do leitor para o facto de *Longe da Multidão* ser uma “narrativa de paixões humanas levadas por vezes ao paroxismo, contém todo o esplendor da obra ficcionista de Thomas Hardy: metáforas e imagens carregadas de intencionalidade poética, utilização de símbolos e alegorias no aprofundamento psicológico dos caracteres, e esse sopro de trágica grandeza em que as personagens se interrogam, agem e se dilaceram como que em holocausto a uma vocação suprema no fim da qual se encontra inevitavelmente a dor, redimida embora pela íntima satisfação que exalta a grandeza dos sentimentos.”

E sobre Hardy, acrescenta: “Embora tivesse vivido em plena época do positivismo científico, coroado na Inglaterra vitoriana pela Revolução Industrial, toda a obra de Thomas Hardy parece querer alertar as consciências para a crise do homem moderno.”

O texto diz ainda que a escrita de Hardy era demasiado “ousada” para o seu tempo e, que, por isso, a recepção das suas obras nem sempre foi a melhor. A escrita de Hardy não se enquadrava nos valores morais seguidos na época vitoriana.

Nas reedições das traduções de Cabral do Nascimento publicadas pelo Círculo de Leitores, existe no final do livro um pequeno texto denominado O Autor e a sua Obra. Na edição de *Judas o Obscuro* tem apenas uma pequena biografia e uma enumeração das obras do autor. Na edição de *Longe da Multidão* escreve-se ainda que Thomas Hardy produziu “algumas das mais belas páginas da literatura inglesa.” E, mais

uma vez é salientado o facto de Hardy ter sido uma espécie de visionário, cuja obra antecipa os tempos difíceis e de guerra na Europa após os anos de prosperidade e optimismo do início de século que não compreendia a visão do mundo por ele apresentada.

A terceira obra do autor publicada pelo Círculo de Leitores em 1984, *Tess dos Urbervilles*, para além do texto biográfico, contém também as notas introdutórias escritas por Hardy para as diferentes edições publicadas enquanto era vivo.

Os dois últimos romances do autor publicados em Portugal pela D. Quixote e traduzidos por Ana Maria Chaves, *O Mayor de Casterbridge* e *Um Par de Olhos Azuis* têm nas suas primeiras páginas uma cronologia com as principais datas da vida de Thomas Hardy e os acontecimentos que a elas estão associados. Na cronologia apresentada por Ana Maria Chaves, podemos encontrar os principais factos da vida de Thomas Hardy. Dos muitos apresentados pela tradutora destacamos o início da sua actividade como escritor entre 1856 e 1862, a mesma altura em que escreve o seu primeiro romance e em que envia poemas para jornais, sendo estes porém rejeitados.

Uma outra data que consideramos importante e que queremos salientar é 1896, altura em que decide não escrever mais romances e se dedica à escrita de poesia e *short-stories*. Um facto interessante e que também esta presente na cronologia é o que nos diz que pouco tempo antes da sua morte Hardy queima toda a sua correspondência, cadernos de apontamentos e documentos pessoais.

Através desta cronologia podemos percorrer os principais acontecimentos da vida de Thomas Hardy de forma breve e sistemática.

Na antologia de Jorge de Sena, *Poesia do Século XX*, publicada pela primeira vez em 1978, Thomas Hardy é considerado pelo autor o primeiro poeta do século XX, mas também um importante romancista do século anterior. Nas palavras de Jorge de

Sena, Thomas Hardy juntamente com o americano Henry James, transformou o romance de fim de século. Junto dos quatro poemas traduzidos por Jorge de Sena encontra-se uma biografia do autor. Para cada poeta incluído na antologia, Jorge de Sena apresenta a sua biografia.

A contra-capá do conto *O Pregador Atormentado* também faz uma apresentação do autor e do conto. Nessa apresentação sobressai o facto de mais uma vez se referir que a obra de Thomas Hardy se caracteriza pelo pessimismo e pelo sentido de tragédia. São referidos ainda os seus principais romances e enaltece-se a sua faceta de contista: “[Hardy,] foi também um brilhante e imaginativo contista, como se poderá comprovar com *O Pregador Atormentado*, um dos primeiros e mais irreprensíveis contos.”

## Thomas Hardy nos meios académicos portugueses

Thomas Hardy tem também sido objecto de estudo por parte de académicos portugueses. Assim, ao consultarmos as revistas das diferentes faculdades de letras do país encontrámos algumas vezes publicados artigos relacionados com Thomas Hardy.

Em 1971, numa separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa (III Série, nº 14) encontramos um artigo de Álvaro Pina intitulado “O Novo e o Velho: Livros recentes sobre Thomas Hardy.”

Álvaro Pina propõe-nos uma viagem sobre o que se tem publicado sobre o autor inglês sublinhando o que de mais importante se tem dito. Incidindo sobretudo na popularidade que o autor tinha enquanto estava vivo, faz também uma clara crítica aos críticos literários que têm lido e interpretado mal a escrita hardiana:

“Hardy tem sido – não apenas mal lido, digo – deturpado de geração em geração, reduzido a lugares comuns, superficializado em juízos irresponsáveis, em comentários tão ociosos como pretensiosos.”

Assim, Álvaro Pina salienta as obras onde essa visão crítica é demonstrada, como, por exemplo, a obra de Douglas Brown, *Thomas Hardy* (Londres, 1954) sobre a qual Álvaro Pina escreve: “[...] Hardy é manietado em estudos conscienciosos, mas destinados a provar um esquema interpretativo pré-concebido [...].”

Hardy não pode ser enquadrado num esquema pré-concebido, onde se tentam também enquadrar autores da sua época e cuja escrita deveria seguir um determinado modelo. Porém Hardy encontra-se num período de mudança e a sua escrita tem de ser olhada para além de esquemas interpretativos pré-concebidos. O artigo cita David Cecil em *Hardy The Novelist* para nos chamar a atenção para o facto de que Hardy “diz-nos

sempre o que estamos a observar. A sua técnica, por estranho que pareça, é a de um moderno realizador de cinema.”

Álvaro Pina, vai-nos encaminhando para os textos que mais justiça fazem ao autor e à sua obra. Autores que depois de analisarem a sua obra, a sua autobiografia e alguma correspondência do autor o interpretaram de forma distinta da que até aqui tinha sido feita.

Ao longo do artigo, Álvaro Pina, mostra-nos como os mais antigos investigadores de Thomas Hardy têm sido alvo de crítica e reformulação por parte dos novos que ao conseguirem libertar-se de esquemas interpretativos onde a obra deveria encaixar nos dão uma visão mais real da obra de Thomas Hardy.

Num artigo publicado pela Universidade de Ponta Delgada em 1985, Paulo Menezes procura demonstrar “A Dimensão Trágica de *Jude The Obscure* de Thomas Hardy.”

Ao longo do artigo propõe que se aplique o conceito de tragédia à leitura de *Jude The Obscure*. Paulo Menezes começa por descrever o significado que o termo tragédia teve até ao século XIX e o novo significado que adquiriu a partir daqui com “novidades confirmadoras de um conceito de tragédia totalmente revigorado.”

Segundo o artigo, surgem no século XIX um “amplo número de dramas trágicos”. Mas a sua “concepção estava demasiado dependente da teoria e da praxis da tragédia dos clássicos gregos”, motivo por que se apresentavam completamente desviados do gosto do grande público, confinando-se a um número restrito de intelectuais. Perante este afastamento do público é o romance que vai “assumir uma vital importância na modelização das condições frustrantes e catastróficas inerentes ao homem de então.”

Paulo Meneses continua com uma análise de *Jude The Obscure* onde defende que o romance pode ser um “meio de expressão do trágico”. O autor do artigo traça um paralelo entre o romance de Thomas Hardy e o conceito de tragédia e cita passos da obra onde é clara a intencionalidade de Hardy em aplicar no seu romance o seu vasto conhecimento dos clássicos e sobretudo das tragédias gregas.

No final do artigo vemos como o conceito de tragédia se pode aplicar também ao romance e, como é citado no artigo, “Aguiar e Silva nos informa que: «os modos literários, na sua invariância, articulam-se polimorficamente com os textos literários concretos e individualizados pelos géneros literários.»” Contraria o modo de entender os géneros literários de Aristóteles e Horácio, continua o artigo citando mais uma vez Aguiar e Silva que considera que os géneros literários são “entidades perfeitamente indiferenciadas entre si configuradas por distintos caracteres temáticos e formais devendo o poeta mantê-los cuidadosamente separados [...]”.

Na sequência do ciclo de conferências realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a celebração dos 150 anos do nascimento do autor, foram publicadas, num número especial da *Revista de Estudos Anglo-Americanos*, inteiramente dedicado a Thomas Hardy, a quase totalidade das comunicações proferidas durante o encontro comemorativo.

Apesar de nas conferências terem participado oradores de diferentes origens, é de notar que foi um acontecimento realizado em Portugal que deu origem a uma publicação de uma revista portuguesa inteiramente dedicada ao autor britânico.

A primeira comunicação presente na revista é a que foi feita por Álvaro Pina, estudioso de Hardy e que sobre ele escreveu a sua tese de doutoramento. Nesta conferência reflectiu sobre a influência de Hardy na mudança do romance inglês na viragem de século.

Segundo Álvaro Pina, Hardy faz a mediação entre George Eliot e D. H. Lawrence: “ Hardy, sob influência directa de George Eliot, submete à tutela interpretativa do narrador a relação de personagens, acção e enredo; mas por influência directa de George Eliot e influência indirecta de Dickens, a partir de *The Return of the Native* começam a surgir momentos de visão nas suas páginas narrativas, momentos intensamente poéticos e imediatamente comunicativos [...]. É precisamente na tensão entre o narrativo e o poético-dramático que está a fonte de mediação que Hardy cria entre George Eliot e Lawrence.” E, assim, prossegue na visão que tem sobre o lugar de Hardy na literatura inglesa e em conclusão diz que “Hardy, o poeta, escreveu romances que ajudaram a mudar a história do romance inglês.”

O segundo artigo transcreve a comunicação de Neil Sinyard, intitulada “Hardy on Film”. Logo na abertura Neil Sinyard afirma: “Something strange happens when film-makers attempt to put Hardy on film.”

Como já havíamos referido anteriormente, Hardy parecia ter os conhecimentos de um realizador de cinema quando escreveu os seus romances. Esta linha de pensamento é também seguida por Neil Sinyard na sua comunicação, onde podemos ler: “His natural descriptions are so visual that they seem to be crying for the invention of the movie camera.” e considera-o mesmo o “master of the long shot, of isolating and implicating characters against landscape”, para ele Hardy é ainda, “the master of the dramatic close-up detail” e “the master of the teasing narrative fade out.”

Mesmo tendo vivido antes da invenção do cinema, a escrita de Hardy parece incorporar conceitos que hoje associamos ao cinema.

E apesar disto, quando são feitas adaptações ao cinema de obras de Hardy, há, segundo Neil Sinyard, algo que se perde. É claro que há adaptações que são melhores que outras mas nenhuma consegue conter todos os elementos da obra literária.

Antony Barker fez a sua comunicação refletindo sobre as “Negative Constructions in Hardy’s Lyric Poetry”. Segundo Antony Barker, Hardy tinha uma predileção por construções negativas na sua criação poética e para justificar a sua afirmação apresenta números que a tornam mais clara: “Of the 947 poems in *The Collected Poems*, in excess of thirty have negative in their titles. A further 90 or so start with a negative in the first line and no less than 160 poems have one in the last line.”

A comunicação continua com a apresentação de exemplos e com a tentativa de justificação do uso da negação.

Barker demonstra também que o uso de construções negativas na poesia é específico de Thomas Hardy, pois quando comparado com outros poetas ingleses, estes quase não usam formas negativas na sua obra poética.

Na sua comunicação, Gualter Cunha propõe-nos uma análise de três poemas de Thomas Hardy onde se pode verificar como a concepção de natureza presente se aproxima das novas concepções de natureza que surgiram no século XIX.

A reflexão assenta sobretudo nas concepções definidas por Darwin e Boltzmann que de certo modo trouxeram uma alternativa à concepção de natureza que tinha sido aceite durante séculos e que foi desenvolvida por Newton. As novas concepções de natureza não cortam definitivamente com a concepção newtoniana mas devido às novas descobertas da ciência, ampliam-na dando lugar à percepção da natureza de forma distinta.

Os poemas referidos demonstram essa nova percepção da natureza, algo que demonstra, mais uma vez, como Thomas Hardy era um homem fora do seu tempo e que a sua escrita antecipou o que viria a ser adoptado num período mais tardio do século XX.

Margarida Losa é a autora da comunicação seguinte e propõe-nos uma nova/diferente leitura de *The Mayor of Casterbridge*. Reflectindo sobretudo na relação da personagem principal masculina com as personagens femininas que se destacam na obra. Para Margarida Losa: “[...] Thomas Hardy makes his novel turn around the deep relationship between father and daughter, rather than between husband and wife.”

E é a defesa deste ponto de vista que Margarida Losa vai desenvolver ao longo da sua comunicação, traçando uma linha que distingue essas relações ao longo da obra e demonstrando como a relação pai-filha é mais profunda e mais valorizada que a relação marido-mulher. Esta leitura da obra traz uma interpretação diferente da defendida por Elaine Showalter e é nesta distinção entre a sua interpretação em oposição à interpretação que Showalter defende que se vai desenvolver a sua comunicação. Apesar da sua discordância em relação à sua interpretação, há pontos com os quais Margarida Losa concorda.

No final da comunicação podemos chegar à conclusão que os “vencedores” da história são diferentes. Para Margarida Losa os “vencedores” da história são, e citamos: In my reading of the novel, while the temporal victory is indeed Elizabeth Jane’s, but also Donald Farfrae’s (a female and a male), the moral victory is Michael Henchard’s and Michael Henchard’s alone. And this is so because he is emotionally vulnerable and a man of character, at one and same time. One of his vulnerable points as a man may well be that he is unconsciously envious of women and of maternal functions, but mother-envy is, after all, a characteristic of the male.”

Esta perspectiva é contrária à que defende Elaine Showalter, para quem o vencedor é a mulher e não a filha.

Segue-se a comunicação de D. E. Musselwhite, intitulada: “Hardy’s Megamachines (or Deleuze and Guattari go to Wessex)”.

Na sua comunicação Musselwhite faz uma aproximação entre as quatro maiores obras de Hardy (*The Return of the Native*, *The Mayor of Casterbridge*, *Tess of D'Urbervilles* e *Jude the Obscure*) e a obra *Anti-Oedipus* de Deleuze e Guattari. Musselwhite propõe a aproximação de conteúdos presentes nas obras de Hardy onde se podem ver os conceitos defendidos por Deleuze e Guattari. É na clarificação das aproximações entre as duas obras que a comunicação se vai desenvolvendo.

É sobretudo nos conflitos internos existentes nas personagens hardianas que se encontram as aproximações às diferentes teses defendidas em *Anti-Oedipus*.

Ana Gabriela Macedo faz uma reflexão sobre “The uncounscious conflicts of Hardy heroines in *The Mayor of Casterbridge*”.

Mais uma vez é escolhida a obra *The Mayor of Casterbridge* como objecto de estudo e reflexão. Desta vez para se olhar atentamente para as personagens femininas, a quem é dado o lugar de héroi, lugar que tantas vezes é dado a personagens masculinas, e que contêm em si conflitos internos que são para Ana Macedo: “in a sense the author’s own conflicts and to a large extent the ideological conflicts of the time, namely concerning sexual ideology.”

E partindo das três grandes problemáticas da obra, consideradas pela autora da comunicação: “The sale of a wife by her husband; the uncertain harvests which immediately preceded the repeal of the Corn Laws; the visit of a Royal personage to Casterbridge.”

Toda a perspectiva de análise segue com o olhar sobre o lado feminino da obra, o seu papel na obra de Thomas Hardy e o seu papel social na época vitoriana.

Por fim, a última comunicação transcrita para o número especial da *Revista de Estudos Anglo-Americanos* e que tem a autoria de Jane Thomas e que se intitulava “«Checkmate!»: Women and marriage game in Thomas Hardy’s *A Pair of Blue Eyes*”.

Mais uma vez é um artigo que vai reflectir sobre a mulher na obra de Thomas Hardy. Aqui vai incidir-se sobre o papel da mulher partindo de um jogo de xadrez que existe em *A Pair of Blue Eyes* e que tem como jogadores as duas personagens principais, sendo que uma é uma mulher, Elfride, Jane Thomas compara o jogo de xadrez à posição que a mulher tinha no casamento da altura.

Logo na abertura da comunicação, Jane Thomas declara: “In *A Pair os Blue Eyes* the day to day existence of the central female character is imaged in terms of a game strategy demanding cunning and intellectual dexterity on the part of the main participant whose fortunes, and whose very life depends upon the outcome.”

O texto continua com a afirmação de que o jogo de xadrez tem uma intenção metafórica no texto: “In this text the game of chess functions as a subtle metaphor for life which demonstrates the way in which women of all classes, along with working class men, compensate for their social and economic powerlessness in a society which primarily serves the interests of the middle-class male.”

Mais à frente na sua comunicação Jane Thomas reafirma o facto de Thomas Hardy ter muito presente nas suas obras a interrogação quanto às regras sociais estabelecidas, sobretudo as que ao casamento dizem respeito. Jane Thomas compara ainda as regras do casamento às regras do jogo de xadrez e considera-as mesmo arbitrárias, uma vez que no caso do casamento só um elemento as tem de seguir.

A comunicação termina com uma curiosidade sobre as mudanças que o século XX trouxe para a mulher na sua conquista de direitos: “He [Thomas Hardy] died on Wednesday 11 January 1928, just a few months before the Bill to extend the franchise to all women aged twenty-one and over was passed in the House of Lords by a considerable majority.”

Mais uma vez podemos ver como Thomas Hardy era alguém que estava à frente do seu tempo e por isso foi tantas vezes incompreendido pelos seus contemporâneos.

## Conclusão

Depois de terminada esta excursão pelo que se tem dito em Portugal a propósito de Thomas Hardy podemos concluir que o autor inglês teve um lugar na imprensa portuguesa umas vezes com maior destaque que outras, mas podemos dizer que não é um nome totalmente desconhecido do público leitor.

Há acontecimentos que se destacaram, como a morte do autor que foi notícia nos principais jornais existentes à época, o que nos leva a afirmar que o autor era conhecido dos leitores portugueses, mesmo que nessa altura não existisse qualquer tradução de Hardy publicada em Portugal.

A publicação das obras de Thomas Hardy não teve uma grande atenção por parte da imprensa, mas também não foi esquecida, existindo sempre uma pequena nota que dava conta da publicação do livro.

O grande destaque de Thomas Hardy em Portugal é feito sobretudo pelos académicos que têm estudado o autor e cujo resultado dos estudos tem resultado em publicações de artigos em revistas académicas.

Na data do centenário do seu nascimento, não houve em Portugal qualquer referência ao facto. A justificação que pode ser dada é que esta data coincidiu com o período da II Guerra Mundial, daí que as notícias que eram publicadas nos jornais portugueses fossem sobretudo relacionadas com a guerra e não fosse dado destaque ao centenário do nascimento de um autor britânico.

Porém os 150 anos do seu nascimento foram assinalados com um ciclo de conferências para celebrar o autor. Este ciclo de conferências originou a publicação de um número especial da *Revista de Estudos Anglo-Americanos* exclusivamente dedicado

a Hardy e que mesmo contendo comunicações proferidas por oradores não portugueses não deixa de ser um importante documento sobre o escritor publicado em Portugal.

A mais recente iniciativa de divulgação do autor em Portugal, partiu de um jornal diário que ofereceu aos seus leitores o conto *O Pregador Atormentado*. Esta iniciativa levou a que os leitores do jornal *Diário de Notícias*, tomassem contacto com o autor britânico o que talvez tenha feito com que o seu nome fosse conhecido por um número mais alargado de pessoas.

Todos os artigos e introduções às obras dão ao leitor português uma imagem de Hardy como um autor que merece um lugar de destaque na literatura, um autor que estava à frente do seu tempo e cujas obras são intemporais.

A nossa procura por informação sobre Hardy teve de ser restringida a períodos temporais em que a sua existência fosse mais provável pois tínhamos o nosso tempo limitado e não era possível consultar todos os jornais do último século. Por isso, a recepção de Hardy em Portugal não se esgota aqui, existindo sempre a possibilidade de se encontrar artigos sobre o autor na imprensa portuguesa em datas que não têm necessariamente de ter uma maior probabilidade de isso acontecer.

# O Braço Mirrado

## I – Uma ordenhadora solitária

Era uma leitaria de oitenta vacas e todos os ordenhadores, os regulares e os supranumerários, estavam todos a trabalhar, pois embora a altura do ano fosse apenas início de Abril, o alimento estava todo em prados irrigados e as vacas estavam todas de “balde cheio”<sup>1</sup>. Eram cerca das seis da tarde e, uma vez que três quartos dos grandes, castanhos e rectangulares animais já tinham sido ordenhados, havia oportunidade para alguma conversa.

– Ouvi dizer que ele traz a noiva amanhã para casa. Hoje chegaram até Anglebury.

A voz parecia vir da barriga de uma vaca chamada Cherry, mas quem falava era uma ordenhadora, cuja face estava coberta pelo flanco do animal imóvel.

– Alguém a viu? – Disse outra.

Houve uma resposta negativa por parte da primeira.

– Embora se diga que tem o corpinho roliço e a face rosada, – acrescentou, e à medida que a ordenhadora falava virou o rosto de maneira que pudesse olhar por trás do rabo da sua vaca, para o outro lado do pátio da quinta, onde uma magra e exausta mulher de trinta anos ordenhava separada do grupo.

– Alguns anos mais nova do que ele, dizem, – continuou a segunda com o olhar pensativo na mesma direcção.

---

<sup>1</sup> As vacas estavam a produzir muito leite. ((N.T.))

– Que idade achas que ele tem?

– Trinta ou por aí.

– Mais perto dos quarenta, – interrompeu um velho ordenhador que estava por ali perto com um longo avental branco ou “invólucro” e com a aba do chapéu apertada de modo que parecia uma mulher.

– Nasceu antes do nossa Grande Represa ser construída e eu ainda não tinha salário de homem quando andei lá a tirar água.

A discussão tornou-se tão quente que o murmúrio dos jactos de leite se tornou irregular, até que uma voz vinda de outra barriga de vaca gritou com autoridade.

– E então, que diabo nos interessa saber da idade do Agricultor Lodge ou da nova esposa do Agricultor Lodge? Eu tenho de lhe pagar nove libras por ano pelo aluguer de cada uma destas vacas leiteiras, seja qual for a idade dele ou dela. Continuem a trabalhar ou vai ficar escuro antes de acabarmos. Vai começar a anoitecer num instante. – Quem falava era o próprio leiteiro por quem as ordenhadoras e os homens eram contratados.

Nada mais se disse publicamente sobre o casamento do agricultor Lodge, mas a primeira mulher murmurou por baixo da sua vaca para a vizinha:

– Isto é duro para *ela*, – falando sobre a dita magra e exausta ordenhadora.

– Oh, não – disse a segunda – ele não fala com a Rhoda Brook há anos.

Quando a ordenha terminou, lavaram os baldes e penduraram-nos num suporte feito, como era habitual, de um ramo descascado de um carvalho, fixado na vertical na terra, que lembrava um chifre colossal e com muitos galhos. A maioria dispersou a caminho de casa.

À mulher magra que não tinha falado juntou-se um rapaz de cerca de doze anos e os dois também seguiram pelo campo.

O seu caminho fazia-se à parte do dos outros, para um lugar alto e solitário sobre os prados irrigados, não longe dos limites da Charneca de Egdon cuja expressão sombria era visível à distância à medida que eles se aproximavam de casa.

– Disseram mesmo agora lá em baixo na quinta que o teu pai traz a sua jovem esposa para casa amanhã, de Anglebury. – Comentou a mulher – Vou precisar de mandar-te ao mercado buscar algumas coisas e quase de certeza que os vais encontrar.

– Sim, mãe. – Disse o rapaz – Então, o pai já se casou?

– Sim... Podes dar-lhe uma olhadela e dizer-me como ela é, se a vires.

– Sim, mãe.

– Se ela é morena ou loira e se é alta – tão alta como eu. E se ela parece uma mulher que alguma vez tenha trabalhado para viver ou alguém que sempre foi remediada e nunca fez nada e tem marcas de senhora, como eu espero que tenha.

– Sim.

Subiram o monte no crepúsculo e entraram na cabana. Era feita com muros de lama cuja superfície tinha sido lavada por muitas chuvas, abrindo canais e depressões que nada deixavam visível da face lisa original; e aqui e ali, no telhado de colmo, aparecia uma trave como um osso a sair da pele.

Ela estava ajoelhada no canto da lareira diante de dois pedaços de turfa encostados com a urze para dentro, a soprar as cinzas vermelhas com o seu fôlego até que a turfa se incendiou. O brilho iluminou-lhe a face pálida e fez com que os olhos negros, que já tinham sido graciosos, parecessem graciosos de novo.

– Sim – recomeçou – vê se é morena ou loira e, se puderes, repara se as mãos são brancas; se não, vê se parece que ela alguma vez tenha feito trabalho doméstico, ou se são mãos de ordenhadora como as minhas.

O rapaz prometeu outra vez, desta vez distraidamente, sem a mãe reparar que ele estava a fazer um entalhe com o canivete na cadeira de espaldar de faia.

## **II – A jovem esposa**

A estrada de Anglebury para Holmstoke é em geral plana, mas há um lugar onde uma acentuada subida quebra a monotonia. Os agricultores que regressam a casa vindos da antiga cidade franca que troteiam todo o resto do caminho, levam os seus cavalos a passo nesta inclinação.

Na tarde seguinte, enquanto o sol ainda brilhava, um novo e bonito cabriolé, com a carroçaria cor de limão e as rodas vermelhas, rolava na direcção oeste, ao longo da estrada plana, nos calcanhares de uma égua vigorosa. O condutor era um proprietário rural na plenitude da vida, completamente barbeado, como se fosse um actor, a sua face levemente corada com esse tom vermelho azulado que tantas vezes confere dignidade aos traços de um agricultor próspero, quando regressa a casa depois de fazer negócios de sucesso, na cidade. Ao seu lado sentava-se uma mulher, muitos anos mais jovem – praticamente, de facto, uma menina. A sua face também era de cor fresca, mas era de uma qualidade totalmente diferente – suave e evanescente, como a luz sob de um monte de pétalas de rosa.

Poucas pessoas viajavam por este caminho, porque não era uma estrada principal; e o longo trilho branco de cascalho que se estendia à sua frente estava vazio, com a excepção de um ponto que mal se movia, que em breve se resolveu numa figura de rapaz, que caminhava a passo de caracol, e olhava para trás continuamente. – O pesado fardo que carregava era alguma desculpa, se não a razão, para a sua lentidão. Quando a balançante carruagem abrandou no fundo da inclinação antes referida, o peão

ia apenas algumas jardas à frente. Suportando o seu fardo, colocando uma mão na anca, voltou-se e olhou directamente para a mulher do agricultor como se a estudasse de uma ponta à outra, seguindo lado a lado com o cavalo.

O sol baixo batia-lhe no rosto, tornando cada traço, sombra ou contorno distinto, da curva da sua pequena narina à cor dos seus olhos. O agricultor, embora parecesse incomodado com a presença persistente do rapaz, não o mandou sair do caminho e assim o jovem precedeu-os sem que o seu olhar nunca a deixasse, até atingirem o topo da ladeira, quando o agricultor, com alívio nas suas feições, troteou a égua – nunca tendo tomado aparente conhecimento do rapaz.

– Como o pobre rapaz me fixou! – Disse a jovem esposa.

– Sim, querida, eu vi.

– Deve ser da aldeia, suponho?

– Ou das redondezas. Penso que vive com a mãe a uma milha ou duas de distância.

– Ele sabe quem somos, não há dúvida!

– Sim. Tens de estar à espera de ser alvo de atenção nos primeiros tempos, minha bela Gertrude.

– Sim... mas pensei que o pobre rapaz tivesse olhado na esperança que nós o aliviássemos da sua pesada carga, mais do que por curiosidade.

– Oh não! – Disse o marido bruscamente. – Estes rapazes do campo carregam às costas mais de cem libras de peso de uma só vez; além disso o embrulho dele tinha mais volume que peso. Bem, mais uma milha e poderei mostrar-te a nossa casa ao longe – se não ficar muito escuro antes de chegarmos lá.

As rodas rolavam velozmente e com partículas a saltar dos seus aros como antes, até se revelar uma casa branca de grandes dimensões com construções de quinta e medas nas traseiras.

Entretanto o rapaz tinha acelerado o passo e seguiu por um caminho secundário uma milha e meia antes da branca herdade, subiu pelas pastagens mais pobres e continuou até à cabana da sua mãe.

Ela tinha chegado a casa depois de um dia de ordenha separada dos outros na leitaria e estava a lavar uma couve à porta de casa, à luz declinante.

– Segura a rede um momento – disse ela, sem prefácio, assim que o rapaz chegou.

Ele lançou o embrulho ao chão, segurando a borda da rede da couve e ela à medida que enchia a malha com as folhas encharcadas, continuou:

- Então, viste-a?
- Sim, muito bem.
- Tem aspecto de senhora?
- Sim, e mais. Uma senhora completa.
- É jovem?
- Bem, ela é crescida, e na sua maneira de ser, totalmente uma mulher.
- Está bem. De que cor é o cabelo e a cara dela?
- O cabelo é claro e a cara é graciosa como a de uma boneca viva.
- E os olhos, não são escuros como os meus?
- Não. São de um tom azulado e a boca é bonita e encarnada e quando sorri os dentes são brancos.
- É alta? – Perguntou repentinamente.
- Não consegui ver. Estava sentada.

– Então, vais amanhã de manhã à igreja de Holmestoke. De certeza que ela estará lá. Vai cedo e repara nela a entrar e volta para me contares se ela é mais alta do que eu.

– Muito bem, mãe. Mas porque não vais e a vês tu mesma?

– *Eu* ir vê-la?! Não olharia para ela nem que estivesse a passar na minha janela neste instante... Ela estava com o senhor Lodge, evidentemente. O que é que ele disse ou fez?

– Só o habitual.

– Nem te deu atenção?

– Nenhuma.

No dia seguinte a mãe vestiu ao filho uma camisa lavada e preparou-o para ir à igreja de Holmstoke. Ele chegou ao pequeno monumento antigo quando a porta tinha acabado de se abrir e foi o primeiro a entrar. Escolheu um lugar à frente, e viu todos o paroquianos a entrar. O abastado agricultor Lodge foi quase o último a chegar; e a sua jovem esposa, que o acompanhava, caminhou pela nave com o acanhamento natural de uma mulher simples, que aparecia assim pela primeira vez. Como todos os outros olhos estavam fixos nela, o olhar fixo do jovem não se fez notar desta vez.

Quando chegou a casa a mãe disse:

– Então? – Antes de ele entrar na sala.

– Ela não é alta. Até é baixa. – Respondeu.

– Ah! – Disse a mãe com satisfação.

– Mas é muito – muito bonita. De facto é amorosa.

A frescura da juventude da jovem esposa do proprietário tinha evidentemente causado impressão até na natureza um pouco rude do rapaz.

– É tudo o que eu queria ouvir. – Disse a mãe rapidamente – Agora estende a toalha da mesa. A lebre que tu caçaste é muito tenra; mas vê se ninguém te apanha. – Nunca me disseste que tipo de mãos tinha ela.

– Nunca as vi. Ela nunca tirou as luvas.

– O que é que ela vestia esta manhã?

– Um chapéu branco e um vestido cor de prata. Que rugia e zumbia tão alto quando roçava nos bancos da igreja que a mulher corou mais que nunca só com a vergonha por esse barulho, puxou-o para impedir o contacto, mas quando avançou para o seu lugar ele rugiu ainda mais. O senhor. Lodge parecia satisfeito, com o seu colete saliente e as suas grandes insígnias douradas suspensas como os de um lorde; mas ela parecia querer que o barulho que fazia com o vestido viesse de qualquer outro lugar menos dela.

– Olha quem! Mas por ora chega.

Estas descrições do par recém-casado feitas pelo rapaz continuaram de tempos em tempos quando a mãe lhe pedia, ou depois de alguma oportunidade de encontro que ele tinha tido com eles. Mas Rhoda Brook, embora pudesse facilmente ter visto a jovem senhora Lodge por si própria andando algumas milhas, nunca tentaria uma deslocação para os lados onde ficava a casa da quinta. E na ordenha diária no pátio do leiteiro na segunda quinta afastada de Lodge, também nunca falou do assunto do recente casamento. O leiteiro que alugava as vacas do senhor Lodge, e que sabia perfeitamente da longa história da ordenhadora, com delicadeza, sempre foi impedindo que a conversa no curral incomodasse Rhoda. Mas o assunto saturava a atmosfera durante os primeiros dias após a chegada da senhora Lodge. E da descrição do seu rapaz e das palavras ocasionais das outras ordenhadoras, Rhoda Brook pode construir uma imagem mental da inocente senhora Lodge que era tão realista como uma fotografia.

### III – Uma visão

Uma noite, duas ou três semanas depois do regresso nupcial, quando o rapaz já tinha ido dormir, Rhoda sentou-se durante algum tempo junto às cinzas da turfa à qual tinha retirado as brasas que estavam à sua frente para que se apagasse. Contemplou tão intensamente a nova esposa, tal como ela se apresentava ao olhar da sua mente sobre as brasas, que se esqueceu do passar do tempo. Finalmente, fatigada devido ao dia de trabalho, também se foi deitar.

Mas a imagem que a tinha ocupado durante este dia e os anteriores não se apagou com a chegada noite. Pela primeira vez Gertrude Lodge visitou nos seus sonhos a mulher suplantada. Rhoda Brook sonhou – dado a reivindicação de que realmente tinha visto, antes de adormecer, não era de acreditar – que a jovem esposa, no pálido vestido de seda e chapéu branco, mas com traços terrivelmente distorcidos e enrugados como pela idade, estava sentada sobre o seu peito assim que se deitou. A pressão da pessoa da senhora Lodge tornou-se densa, os olhos azuis lançaram-lhe um olhar cruel à face e depois a figura estendeu para a frente a sua mão esquerda em tom de chacota de modo a fazer com que a sua aliança cintilasse nos olhos de Rhoda. Mentalmente enlouquecida e quase sufocada devido à pressão a adormecida debateu-se. O íncubo continuava a olhá-la, afastando-se para os pés da cama, só, todavia, para se aproximar por etapas, retomar o seu lugar e exhibir a sua mão como antes. Agonizando por respirar, Rhoda, num último esforço desesperado, voltou a sua mão direita, agarrou o espectro que a confrontava pelo seu intrometido braço esquerdo, e fê-lo rodopiar para o chão, ao mesmo tempo, que se levantou repentinamente num choro baixo.

– Oh! Céus! – Gritou, sentando-se, com suores frios, na beira da cama – Não foi um sonho, ela esteve aqui!

Podia sentir o braço da sua antagonista agarrado pela sua mão mesmo agora. A verdadeira carne e osso, como lhe parecia. Olhou para o chão para onde tinha arremessado o espectro, mas não havia nada para ser visto.

Rhoda Brook não dormiu mais nessa noite, e quando foi para a ordenha na madrugada seguinte todos repararam como parecia pálida e fatigada. Nessa madrugada, o leite que ela tirava caía aos estremeções no balde. A sua mão não tinha ainda conseguido acalmar e continuava a reter a sensação do braço. Veio a casa tomar o pequeno-almoço já tão cansada como se fosse hora da ceia.

– O que foi aquele barulho no teu quarto, mãe, a noite passada? – Perguntou o filho – De certeza que caíste da cama.

– Ouviste alguma coisa a cair? A que horas?

– No momento em que o relógio bateu as duas.

Ela não podia explicar e quando a refeição terminou foi silenciosamente fazer os trabalhos domésticos, com o rapaz a ajudá-la porque detestava afastar-se para longe nas quintas e ela favorecia a sua relutância. Entre as onze e o meio-dia o portão do jardim bateu e ela levantou os olhos na direcção da janela. Ao fundo do jardim, dentro do portão estava a mulher da sua visão. Rhoda parecia petrificada.

– Oh! Ela disse que viria! – Exclamou o rapaz que também a observava.

– Disse!? ... Quando!? Como é que ela nos conhece?

– Tenho-a visto e falado com ela. Conversei com ela ontem.

– Eu disse-te, - disse a mãe corando com indignação – para nunca falares com ninguém daquela casa nem para ires lá perto.

– Eu não falei com ela até ela falar comigo. E nunca vou para lá perto. Encontrei-a na estrada.

– O que lhe disseste?

– Nada. Ela disse: “És o pobre rapaz que teve de trazer o fardo pesado do mercado?” Olhou para as minhas botas e disse que elas não manteriam os meus pés secos se ficassem molhadas, porque estavam todas rachadas. Eu disse-lhe que vivia com a minha mãe e que era muita a labuta só para nos mantermos, e foi assim. Depois ela disse: “ Vou lá e levo-te umas botas melhores e vejo a tua mãe.” Ela dá coisas a outras pessoas do campo para além de nós.

A senhora Lodge estava agora perto da porta – não trazia a sua roupa de seda, como Rhoda tinha sonhado no seu quarto, mas trazia um chapéu da manhã e um vestido feito de um tecido leve e comum, que lhe ficava melhor que a seda. No seu braço trazia uma cesta.

A impressão que vinha da experiência daquela noite permanecia forte. Brook quase tinha esperado ver as rugas, o desprezo e a crueldade no rosto da sua visita.

Teria escapado ao encontro se a fuga fosse possível. Contudo, não havia porta das traseiras na cabana e num instante o rapaz abriu o trinco da porta, quando a senhora Lodge bateu gentilmente.

– Vejo que vim à casa certa, – disse ela olhando para o rapaz e sorrindo – mas não tive a certeza até abrires a porta.

A figura e a acção eram as mesmas do fantasma, mas a sua voz era tão indescritivelmente suave, o seu olhar tão cativante, o seu sorriso tão terno, tão diferente da visitante nocturna de Rhoda, que esta mal podia acreditar na evidência dos seus sentidos. Estava verdadeiramente satisfeita por não se ter escondido por mera aversão, como se tinha inclinado a fazer. No cesto a senhora Lodge trazia o par de botas que tinha prometido ao rapaz e outros objectos úteis.

Com estas provas de sentimento amável em relação a ela e aos seus o coração de Rhoda censurou-se amargamente. Esta inocente criatura deveria ter a sua bênção e não a

sua maldição. Quando os deixou, uma luz parecia ter saído da habitação. Dois dias mais tarde voltou para saber se as botas serviam; e menos de quinze dias depois fez uma nova visita. Desta vez o rapaz não estava.

– Eu ando bastante, – disse a senhora Lodge – e a sua casa é a mais próxima fora da nossa paróquia. Espero que se encontre bem. Não tem muito bom aspecto.

Rhoda disse que estava bem e de facto, ainda que fosse a mais pálida das duas, havia mais da força que perdura nos seus traços bem definidos e na sua constituição larga do que na face delicada da jovem mulher à sua frente. A conversa tornou-se muito confidencial com respeito às suas forças e fraquezas. E quando a senhora Lodge estava a sair, Rhoda disse:

– Espero que se dê bem com estes ares, Senhora, e que não sofra com a humidade dos prados irrigados.

A jovem respondeu que não tinha dúvidas em relação a isso, e que em geral a sua saúde estava bem.

– Contudo, agora que me lembra, – acrescentou – tenho um pequeno incómodo que me intriga. Não é nada sério, mas não me consigo livrar dele.

Descobriu a mão e o braço esquerdos e os seus contornos confrontaram o olhar admirado de Rhoda como o exacto original do membro que ela tinha visto e agarrado no seu sonho. Sobre a superfície arredondada e rosa do braço estavam leves marcas de uma cor pouco saudável como se tivessem sido produzidas por um aperto brusco. Os olhos de Rhoda ficaram pregados nas descolorações; imaginou que discernia nelas a forma dos seus próprios dedos.

– O que aconteceu? – Disse automaticamente.

– Não sei dizer. – Disse a senhora Lodge, abanando a cabeça – Uma noite quando estava a dormir profundamente a sonhar que estava longe, num lugar estranho,

uma dor disparou de repente no meu braço e foi tão aguda que me acordou. Devo ter batido com ele durante o dia, suponho, embora não me lembre de isso ter acontecido. – E acrescentou, sorrindo. – Digo ao meu querido marido que até parece que ele teve um ataque de fúria e me bateu ali. Oh! Estou convencida que isto vai passar brevemente.

– Hã, hã. Sim... Em que noite aconteceu?

A senhora Lodge considerou um pouco e disse que fariam uns quinze dias no dia seguinte.

– Quando acordei não conseguia lembrar-me onde estava – acrescentou – até que o relógio ao bater as duas me lembrou.

Tinha mencionado a noite e a hora do encontro spectral de Rhoda Brook, e esta sentiu uma espécie de culpa. A revelação simples assustou-a, sem que pensasse no insólito da coincidência; e todo o cenário daquela noite sinistra voltou com o dobro de clareza à sua mente.

– Oh! Será possível, – disse para si própria, quando a sua visita se retirou – que eu exerça um poder maligno sobre as pessoas contra a minha vontade?

Sabia que desde a sua queda lhe chamavam bruxa às escondidas, mas como nunca tinha entendido por que razão esse estigma em particular lhe tinha sido ligado, isso tinha-lhe passado despercebido. Poderia ser esta a explicação e teriam acontecido coisas como esta anteriormente?

#### **IV – Uma sugestão**

O Verão aproximava-se, e Rhoda Brook quase receava encontrar a senhora Lodge outra vez, não obstante o seu sentimento pela jovem esposa ter ascendido quase a amizade. Algo na sua própria individualidade parecia declarar Rhoda culpada de crime.

Todavia, uma fatalidade às vezes direccionava os seus passos para a periferia de Holmestoke sempre que deixava a sua casa por qualquer outro propósito que não fosse o seu trabalho diário e, por esse motivo, aconteceu que o encontro seguinte teve lugar fora de casa. Rhoda não pôde evitar o assunto que tanto a transtornava e depois das primeiras palavras gaguejou:

– Espero que ... o seu braço esteja de novo bem, senhora? – Ela percebeu, com consternação, que Gertrude Lodge usava o seu braço esquerdo com rigidez.

– Não, não está muito bem. Na verdade, não está bem de todo, até está pior. Por vezes, dói-me terrivelmente.

– Talvez seja melhor ir a um médico, senhora.

Respondeu que já tinha sido vista por um médico. O seu marido tinha insistido para ela ir a um. Mas o clínico parecia não ter entendido de todo a sua aflicção. Disse-lhe para o banhar em água quente e ela banhou-o mas o tratamento não trouxe melhoras.

– Deixa-me vê-lo? – Disse a ordenhadora.

A senhora Lodge arregaçou a manga e descobriu o lugar que ficava algumas polegadas acima do pulso. Assim que Rhoda o viu, mal conseguiu manter a compostura. Não existia nada da natureza de uma ferida, mas o braço tinha naquele local um aspecto enrugado e o contorno dos quatro dedos parecia mais marcado que da vez anterior. Mais ainda, ela imaginou que essas marcas estavam impressas precisamente na mesma posição do aperto do braço quando em transe; o primeiro dedo em direcção ao pulso de Gertrude e os outros quatro em direcção ao cotovelo.

O que faziam lembrar as marcas parecia ter espantado a própria Gertrude depois do seu encontro anterior.

– Quase parecem marcas de dedos, – disse, e acrescentou com um sorriso débil – o meu marido diz que é como se uma bruxa ou o próprio diabo me tivesse agarrado por aí e estragado a carne.

Rhoda estremeceu: – Isso é imaginação – disse apressadamente – se eu fosse a si, não pensava nisso.

– Eu não pensaria muito nisso, – disse a jovem com hesitação – se não estivesse convencida de que isso faz com que o meu marido ... deixe de gostar de mim, ... não, amar-me menos. Os homens pensam muito na aparência.

– Alguns... e então ele.

– E ele tinha muito orgulho na minha aparência, inicialmente.

– Mantenha o braço escondido do olhar dele.

– Oh! ... Ele sabe que a deformidade está ali! – Tentou esconder as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

– Bem, senhora, desejo sinceramente que isso desapareça em breve.

E mais uma vez, ao regressar a casa, a mente da ordenhadora estava presa de novo ao assunto por uma espécie de feitiço. A sensação de ter sido responsável por um acto de maldade aumentou, por muito que procurasse aparentar que ridicularizava a sua superstição. No fundo do seu coração, Rhoda de forma alguma se importava com a leve diminuição da beleza da sua sucessora, qualquer que fosse a razão que a fizera aparecer. Porém ela não queria causar dor física. Ainda que esta bonita jovem mulher tivesse tornado impossível alguma reparação que Lodge pudesse ter feito a Rhoda pela sua conduta do passado, qualquer coisa como má vontade pela inconsciente usurpação tinha de todo desaparecido da mente da mais velha.

Se a doce e terna Gertrude Lodge soubesse da cena do sonho no quarto, o que pensaria? Não lhe contar parecia traição tendo em conta a sua amizade, mas de sua própria vontade também não conseguia contar... nem podia descortinar um tratamento.

Meditou no assunto a maior parte da noite e no dia seguinte depois da ordenha da manhã partiu para dar uma olhadela a Gertrude Lodge, se pudesse, sendo levada a ela por uma fascinação sinistra. Olhando a casa da quinta à distância estava em breve capaz de discernir a esposa do agricultor a andar a cavalo sozinha – talvez para se juntar ao marido num campo distante. A Senhora Lodge apercebeu-se dela e galopou lentamente na sua direcção.

– Bom dia, Rhoda! – Disse Gertrude, quando chegou – ia ter consigo.

Rhoda notou que ela segurava as rédeas com alguma dificuldade.

– Espero ... que o braço doente, - disse Rhoda.

– Disseram-me que existe uma possibilidade pela qual se pode descobrir a causa, e talvez a cura para isto, - disse a outra com ansiedade – é ir a um sábio a Charneca de Egdon. Não sabem se ele ainda é vivo ... e não me consigo lembrar do nome dele neste momento; e disseram que a Rhoda conhecia as suas andanças melhor que ninguém aqui perto, e que podia dizer-me se ele continua a ser consultado ou não. Valha-me Deus ... qual era o seu nome? Mas você sabe?

–Não é Mago Trendle? – Disse a sua magra companheira, empalidecendo.

– Trendle... sim. Ainda é vivo?

– Acho que sim – disse Rhoda com relutância.

– Porque lhe chamas mago?

– Bem... diz-se... costumam dizer que ela era um ... ele tinha poderes que outros não têm.

– Oh! Como podem ser as minhas gentes tão supersticiosas para me recomendarem esse tipo de homem! Pensava que eles se referiam a um médico. Não vou pensar mais nele.

Rhoda parecia aliviada e a senhora Lodge partiu a cavalo. A ordenhadora viu no seu íntimo, desde o momento que ouviu que foi mencionada como referência para este homem, que devia existir um sentimento sarcástico entre os seus companheiros de trabalho de que uma feiticeira saberia o paradeiro do exorcista. Suspeitavam dela, portanto. Algum tempo antes isto não teria importância para uma mulher com seu senso comum. Mas tinha neste momento uma razão inquietante para ser supersticiosa e foi tomada por um medo repentino de que o mago Trendle a pudesse nomear como a influência maligna que tinha estava a destruir a boa Gertrude e de que isso levasse a sua amiga a odiá-la para sempre e que a tratasse como algum demónio com forma humana.

Mas ainda não tinha acabado tudo. Dois dias depois, uma sombra apareceu repentinamente na moldura da janela projectada no chão de Rhoda pelo sol da tarde. A mulher abriu imediatamente a porta quase sem poder respirar.

– Está sozinha? – Disse Gertrude. Ela não parecia estar menos perturbada e ansiosa que a própria Brook.

– Sim. – Disse Rhoda.

– Aquele sítio no meu braço parece pior e incomoda-me, - a jovem esposa do agricultor continuou. – É tão estranho! Espero que não seja uma ferida incurável. Tenho pensado de novo no que me disseram sobre o mago Trendle. Eu não acredito nesses homens mas não me importo de o visitar, por curiosidade ... se bem que o meu marido não possa saber de maneira nenhuma. Ele vive muito longe daqui?

– Sim... cinco milhas, - disse Rhoda hesitante – no coração de Egdon.

– Bem, devo ter de ir a pé. Pode vir comigo e mostrar-me o caminho... amanhã à tarde?

– Oh! Eu não ... quero dizer, - murmurou a ordenhadora quase a desfalecer. Mais uma vez foi tomada pelo medo de que algo a ver com o seu acto feroz no sonho pudesse ser revelado e a sua integridade aos olhos da amiga mais útil que alguma vez tivera ruísse irremediavelmente.

A senhora Lodge insistiu e Rhoda acabou por aceitar, embora com muita relutância. Por penosa que a viagem fosse para ela, não podia em consciência impedir o tratamento para a estranha dor da sua benfeitora. Combinaram que, para escapar à suspeição da sua intenção mística, deviam encontrar-se no extremo da charneca na extremidade de uma plantação que era visível desde o lugar onde se encontravam agora.

## **V – O Mago Trendle**

Na tarde seguinte Rhoda teria feito qualquer coisa para escapar a este convite. Mas tinha prometido ir. Além disso, sentia por vezes uma fascinação terrível por se tornar instrumental no lançamento de uma possível luz sobre o seu próprio carácter que pudesse revelá-la como algo mais grandioso no mundo oculto do que ela própria alguma vez tinha suspeitado.

Partiu antes da hora combinada entre elas e um andar apressado durante meia hora levou-a ao sudeste da região rural de Egdon, onde ficava a plantação de abetos. Uma pequena figura, encapotada e disfarçada, já estava lá. Rhoda reconheceu, quase tendo um calafrio, que a senhora Lodge trazia o braço esquerdo ao peito.

Pouco falaram uma com a outra, e imediatamente iniciaram a subida para o interior dessa terra solene, que ficava acima do rico solo aluvial que tinham deixado meia hora antes. Era uma caminhada longa. Densas nuvens tornavam a atmosfera

escura, embora fosse apenas início da tarde, e o vento uivava lugubrememente sobre as ladeiras da charneca – não é improvável que fosse a mesma charneca que testemunhara a agonia do Rei de Wessex, Ina<sup>2</sup>, apresentado para a posteridade como Lear. Gertrude Lodge era quem falava mais, Rhoda respondia com uma preocupação monossilábica. Tinha uma estranha aversão a caminhar do lado da sua companheira onde estava o braço dorido, quando inadvertidamente estava perto dele movia-se para o outro lado. Muita urze tinha sido varrida pelos seus pés quando desceram para o caminho das carruagens, ao lado do qual ficava a casa do homem que procuravam.

Ele não professava as suas práticas medicinais abertamente, nem se preocupava com a sua continuidade, sendo os seus interesses directos os de um fornecedor de tojo, turfa e areia para construção e outros produtos locais. De facto, aparentava não acreditar por aí além nos seus próprios poderes e quando verrugas que lhe eram mostradas para cura, miraculosamente desapareciam – deve-se ter em conta que elas infalivelmente desapareciam – ele dizia delicadamente:

– Oh! Eu só bebi um copo de grogue a elas à sua conta ... talvez seja só por acaso. – E imediatamente mudava de assunto.

Ele estava em casa quando elas chegaram, tendo-as mesmo visto a descer para o seu vale. Era um homem de barba grisalha, com a face rosada, e olhou especialmente para Rhoda no primeiro momento em que a viu. A senhora Lodge contou-lhe a sua missão; e depois com palavras de descrédito próprio examinou-lhe o braço.

– A medicina não pode curar isto. – Disse prontamente – Isto é trabalho de um inimigo.

Rhoda contraiu-se em si mesma e desviou-se para trás.

---

<sup>2</sup> A história de Ina, Rei dos Saxões do Oeste é contada por William Camden na *Britannia* (1586) e é semelhante à história contada na peça de Shakespeare, *Rei Lear*.

– Um inimigo? Que inimigo? – perguntou a senhora Lodge.

Ele abanou a cabeça:

– Saberá você melhor do que ninguém. – Disse ele – Se quiser, posso mostrar-lhe a pessoa, embora eu não deva saber quem é. Não posso fazer mais nada; e não desejo fazê-lo.

Ela insistiu; ao que ele disse a Rhoda para esperar fora de casa onde se encontrava e levou a senhora Lodge para a sala. A porta dava directamente para lá, e como ficou entreaberta, Rhoda Brook podia ver os acontecimentos sem tomar parte neles. Ele tirou um copo do louceiro, encheu-o quase todo de água, foi buscar um ovo e preparou-o de forma particular. Depois partiu o ovo na beira do copo de maneira a que a clara fosse para dentro e a gema ficasse. Como se estava a tornar escuro levou o copo e o seu conteúdo para a janela e disse a Gertrude para os olhar com atenção. Inclinar-se sobre a mesa, e a ordenhadora podia ver a cor opalina do fluido do ovo a mudar de forma à medida que mergulhava na água, mas não estava suficientemente perto para discernir a forma que assumiu.

– Consegue ver a parecença de alguma face ou figura quando olha? – Perguntou o mago à jovem.

Ela murmurou a resposta; num tom tão baixo que era inaudível para Rhoda e continuou a contemplar intensamente o copo. Rhoda voltou-se e afastou-se alguns passos.

Quando a senhora Lodge saiu e a sua face foi exposta à luz, estava pálida – tão pálida quanto Rhoda – contra as tristes sombras pardas da vegetação da região montanhosa. Trendle fechou a porta atrás dela e partiram juntas em direcção a casa. Rhoda percebeu que a sua companheira mudara.

– Ele levou muito? – Perguntou timidamente.

– Oh! Não ... nada. Nem um centavo<sup>3</sup>. – Disse Gertrude.

– E o que viu? – Perguntou Rhoda.

– Nada ... não quero falar disso.

O constrangimento nos seus modos era evidente. A sua face estava tão rígida como se tivesse um aspecto envelhecido, levemente sugestiva da face no quarto de Rhoda.

– Foi você que propôs primeiro vir aqui? – Perguntou a senhora Lodge de repente, depois de uma longa pausa. – Que estranho que o tenha feito.

– Não. Mas não estou arrependida de termos vindo, depois de considerar tudo. – Respondeu.

Pela primeira vez um sentimento de triunfo apoderou-se dela e no geral não deplorava que a jovem criatura ao seu lado pudesse saber que as suas vidas tinham sido antagonizadas por outras influências que não elas próprias.

O assunto não foi mais referido durante a longa e triste caminhada para casa. Mas de uma maneira ou outra uma história foi divulgada entre a multidão de leiteiros na planície naquele Inverno segundo a qual a perda gradual do uso do braço esquerdo da senhora Lodge se devia a “mau-olhado” de Rhoda Brook. Esta manteve as suas próprias convicções sobre o íncubo, mas a sua face tornou-se triste e magra; e na Primavera ela e o seu filho desapareceram da vizinhança de Holmstoke.

## **VI – Uma segunda tentativa**

Passaram-se meia dúzia de anos, e a experiência de casamento da senhora e do senhor Lodge afundava-se em insipidez e em coisas piores. O agricultor estava

---

<sup>3</sup> O termo inglês *farthing* não tem equivalente em português, por isso, a solução encontrada foi traduzir por uma expressão mais próxima do leitor português. (N.T)

normalmente triste e silencioso: a mulher que ele galanteara pela sua graça e beleza estava deformada e desfigurada no braço esquerdo; mais ainda, ela não lhe dera nenhum filho, o que se traduzia no facto de que ele seria o último de uma família que ocupava aquele vale desde há cerca de duzentos anos. Pensou em Rhoda Brook e no seu filho e temeu que isto pudesse ser um julgamento do céu contra si.

Gertrude, que tinha tido outrora um coração despreocupado e jovem, estava a tornar-se uma mulher irascível e supersticiosa, que dedicava todo o seu tempo a fazer experiências contra o seu mal com todos os tratamentos de curandeiros que apareciam. Estava sinceramente ligada ao marido e continuava a acreditar que lhe podia ganhar o coração de volta, através da recuperação de pelo menos alguma beleza. Daí resultou que o seu armário estivesse cheio de garrafas, pacotes e boiões de pomada, de todo o tipo – mais que isso, ramos de ervas místicas, encantamentos e livros de necromancia, que no seu tempo de estudante teria ridicularizado como tolices.

– Diabos me levem, se um dia não te envenenas com essas mezinhas do boticário e misturas de bruxa. – Dizia o seu marido, quando o seu olhar calhava de pousar no numeroso conjunto.

Não retorquia, mas voltava o seu olhar triste e suave para ele numa censura tão amargurada, que ele parecia lamentar-se das suas palavras e acrescentava:

– Eu só disse isto para o teu bem, tu sabes, Gertrude.

– Vou esvaziar e destruir isso tudo – disse ela com a voz tomada – e não volto a experimentar este tipo de tratamentos!

– Precisas de alguém para te animar, – observou ele – uma vez pensei em adoptar um rapaz; mas agora ele é demasiado velho. E foi-se embora, não sei para onde.

Ela adivinhou a quem se referia, porque no decurso dos anos tinha tomado conhecimento da história de Rhoda Brook, embora nem uma palavra fosse dita sobre o

assunto entre si e o seu marido. Também nunca lhe falou sobre a sua visita ao mago Trendle, sobre o que lhe foi revelado ou pensou que lhe foi revelado por aquele homem solitário da charneca.

Tinha agora vinte e cinco anos, mas parecia mais velha.

– Seis anos de casamento e apenas alguns meses de amor! – Algumas vezes sussurrou para si mesma. E depois pensava na causa evidente e dizia com um olhar trágico sobre o membro mirrado:

– Se eu pudesse ao menos voltar a ser como ele me viu pela primeira vez.

Obedientemente destruiu as suas mezinhas, mas permanecia uma ânsia de experimentar algo mais – um outro tipo de cura. Nunca mais visitara Trendle desde que foi conduzida à casa do ermo por Rhoda contra a sua vontade. Mas agora, repentinamente, ocorrera a Gertrude que poderia, num último e desesperado esforço por uma salvação para esta aparente maldição, procurar de novo o homem, se ele ainda fosse vivo. Tinha direito a uma certa credibilidade, pois a forma indistinta que surgira no copo tinha-se sem dúvida assemelhado à única mulher no mundo que – como agora sabia e antes não – teria uma razão para lhe ter rancor. Tinha de fazer a visita.

Foi sozinha desta vez, embora quase se tenha perdido na charneca e percorrido uma distância considerável fora do seu caminho. Alcançou por fim a casa de Trendle; contudo, ele não estava e em vez de esperar na cabana, foi até onde a sua figura arqueada lhe foi indicada a trabalhar a grande distância. Trendle lembrou-se dela e pousou a mão-cheia de raízes de tojo que estava a juntar e a lançar num monte, ofereceu-se para a acompanhar no seu caminho para casa, já que a distância era considerável e os dias eram pequenos. Assim, caminharam juntos, a cabeça dele inclinada quase até à terra e a sua forma da mesma cor que ela.

– Pode acabar com verrugas e outras excrescências, eu sei, – disse ela – porque não pode mandar isto embora? – E descobriu o braço.

– Tem em demasiada conta os meus poderes! – Disse Trendle – E eu agora estou velho e fraco também. Não, não. É demasiado para tentar eu próprio. O que haveis tentado?

Ela nomeou alguns dos cem medicamentos e feitiçarias que tinha adoptado de tempos a tempos. Ele abanou a cabeça.

– Alguns eram muito bons – disse de forma aprovadora – mas não há muitos para algo como isso. Isso é da natureza de uma praga, não de natureza de uma ferida; e se alguma vez tirar isso fora, será de uma só vez.

– Assim eu pudesse.

– Só existe uma forma de o fazer que eu conheça. Nunca falhou em males da mesma natureza – isso posso dizer. Mas é difícil de conseguir, especialmente para uma mulher.

– Diga-me! – Disse ela.

– Tem de tocar com o membro no pescoço de um homem que tenha sido enforcado.

Ela assustou-se um pouco com a imagem que ele evocara.

– Antes de estar frio. Logo após ter sido retirado. – Continuou o mago impavidamente.

– Como é que isso pode fazer bem?

– Vira o sangue e muda a sua constituição. Mas, como disse, fazer isto é difícil. Tem de ir à cadeia, quando houver um enforcamento, esperar que ele seja trazido do cadafalso. Muitos já o fizeram, embora talvez nunca mulheres bonitas como você. Eu

costumava mandar dúzias por doenças de pele. Mas isso foi em tempos idos. O último que mandei foi em 1813- quase há vinte anos.

Ele não tinha mais nada para lhe dizer e quando a pôs num caminho estreito em direcção a casa, voltou-se e deixou-a, recusando qualquer pagamento tal como da primeira vez.

## **VII – Uma Jornada a Cavalo**

A informação penetrou fundo na mente de Gertrude. A sua maneira de ser era um pouco tímida; e provavelmente de todos os remédios que o mago branco poderia ter sugerido não havia um que lhe tivesse provocado tanta aversão como este, já para não falar dos imensos obstáculos no modo de o conseguir.

Casterbridge, a capital do condado, ficava a umas doze ou quinze milhas de distância. E embora naqueles tempos, quando homens eram executados por roubo de cavalos, fogo posto ou arrombamento, uma sessão de tribunal criminal raramente passasse sem um enforcamento, não era provável que ela tivesse acesso ao corpo do criminoso sem ajuda. E o medo da ira do seu marido fê-la relutante em sussurrar uma palavra que fosse a ele ou a alguém próximo dele sobre a sugestão de Trendle.

Durante meses não fez nada e pacientemente suportou o seu desfiguramento como antes. Mas a sua natureza feminina, ansiando por um amor renovado, por meio de uma renovada beleza (tinha apenas vinte e cinco anos), sempre a estimulava a tentar o que, em qualquer caso, dificilmente podia fazer-lhe algum mal. “O que veio por feitiçaria irá, com certeza, por feitiçaria.”,

Dizia ela. Sempre que a sua imaginação visualizava o acto, encolhia-se de horror dessa possibilidade. Depois as palavras do mago, “Vira o seu sangue”, eram vistas como

capazes de uma interpretação científica, não menos do que de uma interpretação macabra; o desejo dominante voltava e impelia-a outra vez.

Nesta altura havia apenas um jornal no condado e o seu marido só ocasionalmente o pedia emprestado. Mas tempos antigos tinham meios antigos e as notícias eram amplamente divulgadas de boca em boca de mercado em mercado, de feira em feira, e sempre que um evento como uma execução estava para acontecer, poucos no raio de vinte milhas ignoravam o espectáculo que se aproximava. E, no que dizia respeito a Holmestoke, alguns entusiastas tinham ficado conhecidos por percorrer todo o caminho até Casterbidge e voltar no mesmo dia, somente para testemunhar o espectáculo. A próxima reunião do tribunal criminal era em Março, e quando Gertrude Lodge ouviu dizer que ela já se tinha realizado, assim que teve oportunidade, perguntou pela calada na estalagem qual tinha sido o resultado.

Era, contudo, tarde de mais. A altura em que as sentenças eram executadas tinha chegado, e fazer a jornada e obter admissão em tão pouco espaço de tempo requeria pelo menos a ajuda do seu marido. Ela não ousava contar-lhe, pois descobriu por delicada experiência que estas crenças que lentamente se alastravam pela aldeia o deixavam furioso, se fossem mencionadas, em parte porque ele próprio até certo ponto acreditava nelas. Era, por isso, necessário esperar por outra oportunidade.

A sua determinação recebeu um estímulo ao saber que duas crianças epiléticas, desta aldeia de Holmestoke, tinham sido tratadas muitos anos antes, e que tinham tido resultados benéficos, embora a experiência tivesse sido severamente condenada pelo clero das redondezas. Abril, Maio e Junho passaram, e não é exagero dizer que no final deste último mês Gertrude quase ansiava pela morte de um qualquer ser humano. Em vez das orações formais de cada noite, as suas inconscientes e únicas orações eram: “Oh! Senhor, condena alguma pessoa, culpada ou inocente, depressa!”

Desta vez, fez perguntas mais cedo e foi no geral mais sistemática nos seus procedimentos. Mais ainda, era Verão, entre a apanha do feno e a colheita, e nos tempos livres assim proporcionados o seu marido tinha tirado férias fora de casa.

O tribunal reunia-se em Julho, e ela foi para a estalagem como da última vez. Ia haver uma condenação – só uma – por fogo posto.

O seu maior problema agora não era como chegar a Casterbridge, mas o que poderia fazer para obter a sua admissão na prisão. Embora o acesso devido a tais propósitos nunca em tempos idos tivesse sido negado, o costume tinha caído em desuso. E ao ver as possíveis dificuldades, estava outra vez quase inclinada a recorrer ao seu marido. Mas ao sondá-lo sobre as reuniões do tribunal criminal, ele mostrou-se tão taciturno, muito mais frio do que era habitual, que ela não prosseguiu e decidiu que o que quer que fosse que fizesse, o faria sozinha.

A sorte, insensível até agora, mostrou-se inesperadamente a seu favor. Na quinta-feira antes do sábado fixado para a execução, Lodge anunciou-lhe que ia estar fora durante um dia ou dois, devido a negócios numa feira e que lamentava, mas não a podia levar com ele.

Ela mostrou desta vez tanta vontade em ficar em casa que ele olhou para ela com surpresa. Noutros tempos, ela teria demonstrado um profundo desapontamento pela perda de uma excursão como esta. Contudo, ele fechou-se na sua habitual taciturnidade, e no dia marcado partiu para Holmestoke.

Agora era a sua vez. A princípio tinha pensado em ir de carro, mas pensando bem essa não era boa ideia, uma vez que teria necessariamente de usar a estrada com portagem, e assim aumentar dez vezes o risco de se saber da sua missão macabra. Decidiu ir a cavalo e evitar o caminho mais usado, não obstante nos seus estábulos o seu marido não ter um animal que, nem com um pouco de imaginação, se pudesse

considerar um cavalo de senhora, ao contrário da promessa que lhe tinha feito, antes do casamento, de ter sempre uma égua para ela. Tinha, contudo, muitos cavalos de cabriolé, dos melhores da sua espécie, e entre os restantes havia uma criatura eficaz, uma amazona equina, com o dorso amplo como um sofá, no qual Gertrude já tinha por uma ou outra vez ido dar um passeio quando estava mal disposta. Foi este o cavalo que escolheu.

Na sexta-feira à tarde um dos homens trouxe-lhe o cavalo. Ela estava vestida e antes de descer olhou para o seu braço enrugado.

– Ah! – Disse ela – Se não fosse por ti eu teria sido poupada a este terrível suplício!

Quando estava a colocar as correias na trouxa onde levava algumas peças de roupa, aproveitou para dizer para o criado:

– Levo isto só para o caso de não poder voltar esta noite da pessoa que vou visitar. Não fiques preocupado, se não chegar até às dez, fecha a casa como é habitual. Estarei em casa amanhã, de certeza.

Tencionava, então, dizer ao seu marido em privado: o acto realizado não era como o acto projectado. Ele quase de certeza lhe perdoaria.

E depois a muito palpitante Gertrude Lodge partiu da quinta do seu marido. Mas, embora o seu objectivo fosse chegar a Casterbridge, não foi pela rota mais directa para lá, que passava por Stickleford. O seu percurso engenhoso a princípio seguiu precisamente na direcção oposta. Assim que ficou fora da vista, virou à esquerda, por uma estrada que a levou a Egdon, e ao entrar na charneca voltou para o outro lado e seguiu no curso correcto, em direcção a oeste. Um caminho mais discreto através do condado era impossível de imaginar. E para se direccionar, ela tinha meramente de manter a cabeça do seu cavalo apontada ligeiramente à direita do sol. Sabia que podia

encontrar, de tempos a tempos, um cortador de tojo ou um qualquer aldeão, que lhe poderia corrigir a orientação.

Apesar de a data ser comparativamente recente, Egdon estava menos fragmentada no seu carácter do que agora. As experiências – bem sucedidas ou não – do cultivo nas encostas baixas, que invadem e quebram a charneca original transformando-a em pequenos tojais separados, não tinham ido muito longe. As Leis de Cercados<sup>4</sup> ainda não tinham tido efeito e as barreiras e as cercas que agora excluem o gado dos aldeões que em tempos usufruíam de direitos de uso comum e as carroças daqueles que tinham direito de cortar a turfa que os aquecia durante o ano inteiro, ainda não tinham sido construídas. Gertrude, por conseguinte, cavalgava sem obstáculos que não arbustos de tojo espinhoso, tapetes de torga, cursos de água transparente e as escarpas e declives naturais do relevo.

O seu cavalo era seguro, ainda que com passo pesado e lento, e embora fosse um animal de tiro, tinha um bom ritmo – não fora assim e ela não era mulher que se pudesse aventurar a cavalgar por tal pedaço de campo com um braço meio morto. Eram então quase oito horas quando ela puxou a rédea para dar fôlego à sua égua no último ponto alto do campo de torga, a caminho de Casterbridge, antes de deixar Egdon em direcção aos vales cultivados.

Fez uma pausa perto de um lago chamado Lago do Juncos, ladeado pelos limites de duas sebes; uma vedação percorria o centro do lago, dividindo-o ao meio. Sobre a vedação ela viu a terra verde e baixa; sobre as árvores verdes, os telhados da cidade; sobre os telhados uma fachada branca e lisa, que denotava a entrada da prisão do condado. No telhado desta fachada moviam-se pequenas manchas, pareciam ser trabalhadores a construir qualquer coisa. Sentiu um arrepiu. Desceu demoradamente e

---

<sup>4</sup> Leis de Cercados – durante o século XVIII, muitos terrenos que eram considerados de uso comum, foram cercados devido a uma Lei parlamentar que tornou cada pedaço de terra independente do outro atreves da colocação de cercas. (N.T.)

pouco depois passou pelo meio de campos de cereais e pastagens. Depois de mais meia hora, quando já era quase noite, Gertrude chegou à *Veado Branco*, a primeira estalagem daquele lado da cidade.

Pouca surpresa foi suscitada pela sua chegada; as mulheres de agricultores andavam mais a cavalo na altura do que agora, embora, para o caso, a senhora Lodge não fosse de todo imaginada como sendo uma esposa. O estalajadeiro supôs que ela era uma jovem de cabeça no ar que tinha vindo para assistir à “feira do enforcamento”, no dia seguinte. Nem o seu marido nem ela tinham alguma vez negociado no mercado de Casterbridge, pelo que era uma desconhecida. Enquanto desmontava, observou um grupo de rapazes que, perto da porta de um correeiro que ficava acima da estalagem, olhavam para dentro com um profundo interesse.

– O que se passa? – perguntou ao moço da estrebaria.

– Estão a fazer a corda para amanhã.

Ela instintivamente sentiu uma palpitação e contraiu o braço.

– Vendida à polegada depois, – continuou o moço – posso conseguir-lhe um bocadinho, menina, de graça, se quiser?

Repudiou rapidamente qualquer desejo desse género, mais ainda por um crescente sentimento de que o destino do infeliz condenado se estava a entrelaçar com o dela. E depois de ter alugado um quarto para a noite, sentou-se a pensar.

Até agora tinha idealizado apenas as mais vagas noções sobre os meios de obter acesso à prisão. As palavras do homem de virtudes voltaram à sua mente. Ele tinha dito de forma implícita que ela devia usar a sua beleza, ainda que debilitada, como uma chave-mestra. Na sua inexperiência ela pouco sabia sobre os funcionários da prisão; tinha ouvido falar de um chefe da Polícia e um sub-chefe, mas só vagamente. Contudo, sabia que deveria haver um carrasco e ao carrasco decidiu-se a apelar.

## VIII – Um eremita da beira-rio

Nesta altura, e durante muitos anos depois, havia um carrasco em quase todas as prisões. Gertrude descobriu, depois de indagar, que o funcionário da prisão de Casterbridge vivia numa cabana solitária junto de um rio profundo e vagaroso que corria sob o penhasco no qual os edifícios da prisão se situavam – a corrente era a mesma, embora ela não soubesse, que irrigava os prados de Stickleford e Holmstoke mais abaixo no seu curso.

Depois de mudar de roupa, e antes de comer ou beber – porque não podia descansar até acertar alguns detalhes – Gertrude prosseguiu a sua caminhada por um carreiro ao longo da margem que a levava até à cabana que lhe indicaram. Ao passar pelas imediações da prisão, discerniu ao nível do telhado por cima do portão três linhas rectangulares contra o céu, onde as manchas se tinham movido no seu avistamento à distância. Reconheceu o que seria a construção, e passou rapidamente. Mais cem jardas levaram-na até à casa do carrasco, que lhe foi indicada por um rapaz. Ficava perto da mesma corrente, e estava mesmo ao pé de um açude, cujas águas emitiam um bramido contínuo.

Enquanto estava hesitante a porta abriu, e um velho homem avançou resguardando uma vela com uma mão. Fechando a porta por fora voltou-se para um lanço de escadas de madeira fixado contra a extremidade da cabana, e começou a subir, esta sendo evidentemente a escadaria que o levava ao quarto. Gertrude apressou-se mas quando alcançou o fundo das escadas já ele estava no cimo. Chamou por ele suficientemente alto para ser ouvida sobre o bramido da represa; ele olhou para baixo e disse:

– O que quer daqui?

– Falar-lhe um minuto.

A luz da vela, sendo fraca como era, desceu sobre a sua face suplicante, pálida e voltada para cima, e Davies (este era o nome do carrasco) voltou a descer as escadas.

– Estava mesmo a ir para a cama, – disse – “deitar cedo e cedo erguer”, mas não me importo de parar um pouco por uma pessoa como a senhora. Venha para dentro.

Voltou a abrir a porta e precedeu-a para a sala no interior.

Os instrumentos das suas tarefas diárias, que eram os de um jardineiro que faz pequenos trabalhos, estavam a um canto, e provavelmente vendo que ela tinha um ar rural, disse:

– Se me quiser para me ocupar de trabalho do campo, não posso aparecer porque nunca deixo Casterbridge, nem para ricos nem para pobres. Isso não. O meu ofício é funcionário da justiça. – Acrescentou formalmente.

– Sim, sim! É isso. Amanhã!

– Oh! Estou a ver. Bem, o que se passa com isso? Não vale a pena virem aqui por causa do nó – as pessoas estão sempre a vir, mas digo-lhes que um nó é tão misericordioso como qualquer outro se o mantivermos debaixo da orelha. É o infortunado um parente, ou devo dizer, talvez (olhando para o seu vestido) uma pessoa que esteve ao seu serviço?

– Não. A que horas é a execução?

– À mesma de sempre – meio-dia ou logo depois da chegada da carruagem de correio de Londres. Sempre esperamos por isso, para o caso de haver uma suspensão de pena.

– Oh! – Uma suspensão de pena. – Espero que não! – Disse ela involuntariamente.

– Bem, Eh, eh! – Em termos profissionais, também eu! Mas mesmo assim, se alguma vez um jovem rapaz mereceu ser libertado, foi este; acabou de fazer dezoito anos, e estava presente por acaso quando a meda foi incendiada. Seja como for, não há grande risco de isso acontecer, porque estão obrigados a fazer um exemplo dele, com a destruição de propriedade que tem havido por essa via ultimamente.

– Eu quero dizer – explicou ela – que o quero tocar por causa de um feitiço, uma cura para um mal, por conselho de um homem que comprovou as virtudes do tratamento.

– Ah! Sim, menina! Agora compreendo. Eu tive dessas pessoas a vir cá há alguns anos. Mas não me parece alguém que precise de virar o sangue. Qual é a queixa? Do tipo errado para isso, até aposto.

– O meu braço. – E mostrou relutante a pele mirrada.

– Oh! – Está todo engelhado! - Disse o carrasco, examinando-o.

– Pois está. – Disse ela.

– Bem, – continuou com interesse – esse é o tipo da coisa, tenho de admitir. Gosto do aspecto da ferida, é de facto apropriado à cura, como nenhum que já vi. Isto é um homem conhecedor que a mandou aqui, seja ele quem for.

– Pode arranjar-me tudo o que é necessário? – Disse quase sem poder respirar.

– Devia ter ido ao Director da prisão, e levar o seu médico consigo, e dar o seu nome e morada – era assim que costumava ser feito, se bem me lembro. Enfim, talvez eu consiga arranjar isso por uma gratificação insignificante.

– Oh! Obrigada! Preferia fazê-lo deste modo, pois quero manter isto em privado.

– O namorado não deve saber, hã?

– Não... Marido.

– Ah! Muito bem. Eu levo-a a tocar o cadáver.

– Onde é que isso está? – Disse estremeçando.

– *Isso?*... Ele, quer você dizer; ele ainda está vivo. Mesmo dentro daquele pequeno patamar, ali no escuro.

Referia-se à prisão no cimo do penhasco acima deles.

Ela pensou no seu marido e nos seus amigos.

– Sim, claro – disse – E como devo proceder?

Ele levou-a até à porta.

– Bem, deve esperar na pequena portinhola no muro, que encontra ali na viela, nunca depois da uma em ponto. Eu abro-a por dentro, pois não deverei vir a casa jantar, antes de ele ser arriado. Boa noite. Seja pontual; e se não quiser que ninguém a reconheça, use um véu. Oh! Já tive uma filha como você!

Ela partiu e subiu ao carreiro acima, para se assegurar que seria capaz de encontrar a portinhola no dia seguinte. Os seus contornos foram sem demora visíveis – uma pequena abertura na parede exterior dos limites da prisão. As escadas eram tão altas que, ao alcançar a portinhola, parou um momento para respirar, e, olhando para trás, para a cabana à beira-rio, viu o carrasco outra vez a subir as escadas exteriores. Entrou no sótão ou quarto a que levavam, e em poucos minutos apagou a luz.

O relógio da cidade bateu as dez, e ela voltou para a *Veado Branco* por onde tinha vindo.

## **IX – Um Reencontro**

Era uma em ponto de sábado. Gertrude Lodge, tendo sido admitida na prisão do modo atrás descrito, estava sentada numa sala de espera no interior da segunda porta, que ficava debaixo de uma clássica arcada de silhar, então relativamente moderna e que

continha a inscrição “PRISÃO DO CONDADO: 1793”. Esta tinha sido a fachada que ela vira da charneca no dia anterior. Perto e mesmo ao lado estava uma passagem para o telhado onde ficava a o cadafalso.

A cidade estava cheia e o mercado suspenso; porém Gertrude mal tinha visto viva alma. Tendo permanecido no seu quarto até à hora marcada, seguiu para o local por um caminho que evitava o espaço aberto por debaixo do penhasco onde os espectadores se encontravam; mas podia, mesmo agora, ouvir todas as espécies de clamores das suas vozes, das quais surgia em intervalos o rouco crocitar de uma só voz proferindo as palavras: “Último discurso do moribundo e confissão”. Não tinha havido suspensão de pena, e a execução estava terminada, contudo a multidão continuava à espera para ver o corpo ser retirado.

Em breve, a persistente mulher ouviu passos em cima, depois uma mão acenou-lhe; e seguindo as indicações, saiu e atravessou o pátio interior pavimentado que ficava além da entrada, as suas pernas vacilando tanto que mal podia andar. Um dos braços estava fora da manga, coberto apenas pelo xaile.

No lugar onde agora chegava estavam dois cavaletes, e antes de poder pensar para que serviam, ouviu passos pesados a descer as escadas algures atrás de si. Virar a cabeça, não podia, ou não conseguia, e, rígida na sua posição, teve consciência de um tosco caixão a passar pelo seu ombro, carregado por quatro homens. Estava aberto e nele estava depositado o corpo de um jovem homem vestindo o jaquetão de um camponês e bragas de fustão. O corpo tinha sido despejado no caixão tão apressadamente que a aba do jaquetão estava pendurada. A carga foi temporariamente depositada nos cavaletes.

Por esta altura, o estado da jovem era tal que uma nuvem cinzenta parecia pairar ante os seus olhos, e por causa disto e do véu que usava mal podia discernir alguma

coisa: foi como se tivesse quase morrido, mas ficou segura por uma espécie de galvanismo.

– Agora! – disse uma voz próxima, e estava ciente que a palavra lhe tinha sido dirigida.

Num último esforço tenaz ela avançou, e ao mesmo tempo ouviu pessoas a aproximarem-se por trás dela. Desnudou o seu pobre braço amaldiçoado; e Davies, descobrindo a face do cadáver, pegou na mão de Gertrude e agarrou-a de modo a que o braço se colocasse sobre do pescoço do homem morto, sobre uma linha da cor de uma amora verde, que o rodeava.

Gertrude deu um grito – “o virar do sangue”; previsto pelo mago, tinha tido lugar. Mas nesse momento um segundo grito rasgou o ar do recinto: não era de Gertrude e o seu efeito nela fez com que se voltasse bruscamente.

Imediatamente atrás dela estava Rhoda Brook, a sua face abatida e os seus olhos vermelhos de chorar. Atrás de Rhoda estava o marido de Gertrude, a sua expressão vincada, os seus olhos sombrios, mas sem lágrimas.

– Vai para o inferno! O que estás aqui a fazer? – disse ele com voz rouca.

– Puta... para vir agora meter-se entre nós e o nosso filho! – gritou Rhoda – Este é o significado do que o Satanás me mostrou na visão! És como ela finalmente!

E agarrando o braço despido da mulher mais jovem, puxou-a sem resistência contra a parede. Logo que Brook a soltou a frágil e jovem Gertrude escorregou contra os pés do seu marido. Quando ele a levantou ela estava inconsciente.

A mera visão dos dois tinha sido suficiente para ela apreender que o jovem morto era o filho de Rhoda. Naquela altura os familiares de um condenado executado tinham o privilégio de reclamar o corpo para o enterrar, se o quisessem fazer; e era por causa disto que Lodge estava com Rhoda à espera do exame do corpo. Ele tinha sido

mandado chamar por ela logo que o jovem tinha sido capturado na cena do crime, e em diferentes momentos desde então; e tinha estado presente em tribunal durante o julgamento. Eram estas as “férias” que ele tinha gozado recentemente. Os dois desgraçados pais desejavam evitar a exposição; e por isso vieram eles próprios buscar o corpo, tendo uma carroça grande e um lençol para o transportar e o cobrir à espera no exterior.

O caso de Gertrude era tão sério que foi considerado urgente chamar o médico que estava mais próximo. Foi retirada da prisão e levada para a vila; mas nunca chegou viva a casa. A sua vitalidade delicada, exaurida talvez pelo braço paralisado, sucumbiu sob o duplo choque que se seguiu ao esforço severo, físico e mental, ao qual se sujeitara durante as vinte e quatro horas anteriores. O seu sangue tinha sido “virado” de facto – demasiadamente. A sua morte ocorreu na vila três dias depois.

O seu marido não mais foi visto em Casterbridge, uma vez apenas no velho mercado de Anglebury, que tanto tinha frequentado, e muito raramente em público em qualquer lugar. Oprimido a principio com a melancolia e o remorso, por fim acabou por melhorar, e apareceu como um homem castigado e pensativo. Pouco depois de assistir ao funeral da sua pobre jovem esposa tomou providências a fim de se desfazer das quintas em Holmestoke e na paróquia adjacente, e tendo vendido todas as cabeças do seu gado partiu para Port-Bredy, no outro lado do condado, e aí viveu em hospedagem solitária até à sua morte dois anos mais tarde de uma tísica indolor. Foi depois descoberto que ele tinha deixado em testamento a totalidade dos seus consideráveis bens a um reformatório para rapazes, sujeito ao pagamento de uma pequena anuidade a Rhoda Brook, se ela pudesse ser encontrada para a reclamar.

Durante algum tempo não a encontraram, mas, por fim, reapareceu na sua velha paróquia – recusando absolutamente, contudo, ter algo a ver com a provisão feita para

ela. Estava de volta à sua ordenha monótona na leitaria, e continuou por muitos anos, até a sua forma se tornar arqueada e o seu cabelo, antes abundante e escuro, se tornar branco e gasto na testa – talvez devido à longa pressão contra as vacas. Aqui, algumas vezes, aqueles que conheciam as suas experiências paravam e observavam-na, e perguntavam-se que pensamentos sombrios batiam por detrás daquela testa indiferente e enrugada, ao ritmo das correntes alternadas de leite.

## **Bibliografia:**

**HARDY**, Thomas. *The Distracted Preacher and Other Tales*, London: Penguin Classics, 1986. (1ª Ed. 1979)

– *Judas o Obscuro* (Trad. de Maria Franco e Cabral do Nascimento), Lisboa: Círculo de Leitores, 1971

– *Longe da Multidão* (Trad. Cabral do Nascimento), Lisboa: Portugália Editora, 1968

– *Longe da Multidão* (Trad. de Cabral do Nascimento), Lisboa: Círculo de Leitores, 1992

– *Longe da Multidão* (Trad. de Maria Clarisse Tavares), Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999

– *Tess dos D'Urbervilles* (Trad. de Maria Emília Ferros Moura), Lisboa: Círculo de Leitores, 1984

– *O Regresso* (Trad. Virgínia Motta), Editorial-Século: Lisboa, 1943

– *A Bem Amada* (tradução revista por Mariano Arnz Franco), Editorial Minerva: Lisboa, 1952

– *Judas o Obscuro* (Trad. de Maria Franco e Cabral do Nascimento) Lisboa: Portugália Editora, 1965

– *O Pregador Atormentado* (trad. de Vasco Gato), V. N. Famalicão: Edições Quasi, 2008

**MENESES**, Paulo. “A Dimensão Trágica em *Jude the Obscure* de Thomas Hardy, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1985 (pp.57-79)

**PINA**, Álvaro, et. al. *Thomas Hardy*, Porto: Revista de Estudos Anglo-Americanos, 1992

– “O Novo e o Velho: Livros Recentes Sobre Thomas Hardy”. Separata da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, III série, nº 14, Lisboa, 1971. (pp. 5-16)

**SENA**, Jorge de, *Poesia do Século XX: de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo*, Lisboa: Fora de Texto, 1994

**Wilde**, Oscar, et. al. *Uma Viagem aos Contos Clássicos Ingleses*, Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2001

#### Notícias:

“Thomas Hardy”. *Diário de Notícias*; “Últimas Notícias”, 12 de Janeiro de 1928 (p.2)

“Morreu com 87 anos o romancista inglês Thomas Hardy”. *Jornal de Notícias*, 13 de Janeiro 1928 (p.4)

“As cinzas de Thomas Hardy vão para a abadia de Westminster”. *Jornal de Notícias*, 14 de Janeiro 1928; (p.5)

“Faleceu o escritor Thomas Hardy”. *Comércio do Porto*, 13 de Janeiro 1928; (p.5)

“As cinzas de Thomas Hardy irão para a abadia de Westminster”. *Comércio do Porto*, 14 de Janeiro 1928; (p.5)

“O coração de Thomas Hardy ficará em Stinsford e as suas cinzas irão para a abadia de Westminster”. *Comércio do Porto*, 15 de Janeiro 1928; (p.5)

“A perpetuação da memória de Thomas Hardy”. *O Século*, “Estrangeiro”, 14 de Janeiro 1928 (p.6)

“Os Livros da Próxima Quinzena”. *Jornal de Letras Artes e Ideias*; nº642, 24Maio 1995; (p.3)

“Lista Ler”. *Ler – Livros e Leitores*; nº 30, Primavera de 1995; (p.123)

“Saídas”, “Ficção”. *Leituras* (suplemento); *Público*; 27 de Maio 1995; (p.6)

“... E mais Livros Escolhidos”. *Ler – Livros e Leitores*; nº 31, Verão de 1995; (p.23)

“Livros do Trimestre”. *Ler – Livros e Leitores*; nº43, Verão de 1998; (p.20 e ss.)

“Os Livros da Próxima Quinzena”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; nº 725, 29 de Julho 1998; (p.37)

“Livros”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; nº 727, 26 de Agosto 1998; (p.24)

“Livros”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; nº 757, 6 de Outubro 1999; (p.26)

“Pequenas Notícias”. *Diário de Notícias*, 13 de Janeiro 1928; (p.5)

“Thomas Hardy”. *Diário de Notícias*, 14 de Janeiro 1928 (p.1)

“Thomas Hardy”. *Diário de Notícias*, 15 de Janeiro 1928 (p.4)

“Thomas Hardy”. *Comércio do Porto*, 17 de Janeiro 1928; (p.1)

“Thomas Hardy”. *O Século*, “Estrangeiro”, 14 de Janeiro 1928 (p.6)

“A morte de Thomas Hardy”, *O Século*, 17 de Janeiro 1928 (p.1)

“Iniciativas”. *Diário de Notícias*. 6 de Agosto 2008; (p.56)

“Thomas Hardy”. *O Século*, “Últimas Notícias”, 12 de Janeiro 1928 (p.5)